



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

LUCICLEIA ALVES DO CARMO

**PRÁTICA PEDAGÓGICA E LEITURA DE LITERATURA: CONTRIBUIÇÕES NO
PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DAS CRIANÇAS**

**GUARABIRA/PB
2024**

LUCICLEIA ALVES DO CARMO

**PRÁTICA PEDAGÓGICA E LEITURA DE LITERATURA: CONTRIBUIÇÕES NO
PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DAS CRIANÇAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentada ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Área de concentração: Fundamentos da Educação e Formação Docente.

Orientadora: Profa. Ma. Francineide Batista de Sousa Pedrosa.

**GUARABIRA/PB
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C287p Carmo, Lucicleia Alves do.
Prática pedagógica e leitura de literatura [manuscrito] :
contribuições no processo de alfabetização e letramento das
crianças / Lucicleia Alves do Carmo. - 2024.
58 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2024.

"Orientação : Profa. Ma. Francineide Batista de Sousa
Pedrosa, Coordenação do Curso de Pedagogia - CH. "

1. Leitura de Literatura. 2. Prática Pedagógica. 3.
Alfabetização e Letramento. I. Título

21. ed. CDD 372.414

LUCICLEIA ALVES DO CARMO

PRÁTICA PEDAGÓGICA E LEITURA DE LITERATURA: CONTRIBUIÇÕES NO
PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DAS CRIANÇAS

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)
apresentada ao Programa de Graduação em
Pedagogia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciada em Pedagogia.

Área de concentração: Fundamentos da
Educação e Formação Docente.

Aprovada em: 18/06/2024.

BANCA EXAMINADORA

Francineide Batista de Sousa Pedrosa.

Profa. Ma. Francineide Batista de Sousa Pedrosa (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Rita de Cássia Rocha Cavalcante

Profa. Dra. Rita de Cássia Rocha Cavalcante (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Maria Júlia Carvalho de Melo

Profa. Dra. Maria Júlia Carvalho de Melo (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Deus por me conceder o dom da vida. Aos meus pais pelo incentivo, companheirismo e dedicação e, a mim mesma, aquela menina de anos atrás que iniciou essa jornada cheia de incertezas e medos, mas com sonhos a serem realizados, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Toda honra e toda glória sejam dadas ao nosso bom Deus! Agradeço a Ele por ter me concedido a vida e estar sempre ao meu lado, dando-me força e coragem para seguir em todos os momentos, sejam eles bons ou ruins, tenho a plena convicção de que, me protege e me guia nessa jornada. Deixo aqui um dos versículos que me toca muito e levarei sempre comigo, “Não fui eu que lhe ordenei? Seja forte e corajoso! Não se apavore, nem se desanime, pois o Senhor, o seu Deus, estará com você por onde você andar”. (Bíblia Sagrada, Josué: capítulo 1, versículo 9).

Aos meus pais Germano Ramos e Maria de Lourdes, que são minha base, com honestidade e dedicação me ensinaram todos os princípios da vida, tenho muita admiração e orgulho em tê-los como meus pais.

Aos meus irmãos Genildo, Laisy, Maria Cecília e Maria Sofia por todo o carinho, companheirismo e incentivo.

À minha avó Angelina e à minha prima Ana Carla (*in memoriam*) que não estão mais entre nós, mas que sempre vão estar presentes em nossos corações.

Gratidão em especial à minha orientadora, Profa. Ma. Francineide Batista de Sousa Pedrosa por toda a paciência, carinho, sensibilidade, e as muitas vivências repletas de valiosos conhecimentos ao longo dessa jornada. Admiro a pessoa e profissional que ela é: exerce o seu trabalho com maestria e de forma humana.

Aos meus professores e professoras que contribuíram significativamente na minha formação, exemplos de profissionais.

À banca avaliadora por terem aceito o convite para participarem desse momento significativo.

As minhas amigas, presentes que a UEPB me deu, costumo dizer que Deus foi muito generoso em me presentear com as melhores pessoas que eu poderia ter nessa caminhada, em especial a Mayla, Stéfany, Rosane e Rafaela que estão comigo desde o início da graduação e foi muito gratificante ter partilhado tantos momentos, juntas.

Aos meus amigos e amigas da turma de Pedagogia 2019.1, levarei para a vida todo o carinho partilhado.

Ao pai da minha amiga Stéfany, seu Siverlandio Azevedo, por nos ajudar no período dos estágios, sem palavras para expressar minha gratidão.

À minha prima Cláudia e à minha tia por me acolher em sua residência nas noites que precisei. E as minhas primas Paloma e Maria Clara pelos nossos incontáveis momentos de partilha.

Aos meus colegas de transporte, no qual vivemos altas aventuras nos deslocando de casa até a universidade.

Em suma, agradeço a todos(as) que me ajudaram de forma direta e indiretamente.

Quando as crianças brincam

Quando as crianças brincam
E eu as oiço brincar,
Qualquer coisa em minha alma
Começa a se alegrar.

E toda aquela infância
Que não tive me vem,
Numa onda de alegria
Que não foi de ninguém.

Se quem fui é enigma,
E quem serei visão,
Quem sou ao menos sinto
Isto no meu coração.

(Fernando Pessoa)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
Nº	Número
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PCD	Pessoa com Deficiência
PDDE	Programa Dinheiro Direto na Escola
PNLD	Plano Nacional do Livro Didático
RN	Rio Grande do Norte
UFERSA	Universidade Federal do Semi-Árido

RESUMO

O presente estudo versa sobre o trabalho pedagógico com a leitura de literatura na sala de aula, e como esta contribui na formação das crianças em relação aos processos de alfabetização e letramento. As discussões apresentadas colaboram para a reflexão sobre a importância da literatura infantil enquanto recurso didático utilizado pelos(as) docentes, no intuito de desenvolver nas crianças não só a competência leitora, mas, os diversos aspectos ligados à aprendizagem cognitiva, intelectual, social e humana. Partiu-se da seguinte questão norteadora: Como se dá a prática pedagógica para o trabalho com a leitura de literatura no ciclo da alfabetização pensando no desenvolvimento de crianças leitoras? Traçou-se, como objetivo geral: investigar a prática pedagógica com a leitura de literatura e suas contribuições na formação leitora das crianças em processo de alfabetização e letramento. Nesse sentido, estabeleceu-se os seguintes objetivos específicos: a) discutir sobre a prática pedagógica e a leitura de literatura; b) identificar como a leitura de literatura contribui na formação das crianças em relação à alfabetização e ao letramento; e c) refletir a prática pedagógica com a leitura de literatura em turmas de 1º e 2º ano, dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Os aspectos metodológicos constituíram-se a partir de uma pesquisa com abordagem qualitativa em educação. Inicialmente caracterizou-se como descritiva, bem como, um trabalho de campo, e como instrumento de pesquisa realizou-se a entrevista com docentes, em duas escolas da rede pública de ensino do município de Serra de São Bento/RN, que teve como sujeitos três professoras das turmas do 1º e 2º ano. O embasamento teórico respaldou-se nos estudos de: Arroyo (2011), Franco (2016), e Freire (2021), que discutem sobre as práticas docentes. Amarilha (1997), Cademartori (2010), Cosson (2014), Yunes (2010), no propósito de compreender melhor a literatura infantil, trazendo a importância desse universo. Soares (2011), por sua vez, traz reflexões da literatura ao ser escolarizada. Já, Ferreiro (2011), Soares (2020), e Tfouni (2010), discorrem em relação ao processo de alfabetização e letramento. As descobertas obtidas neste trabalho têm implicações relevantes para o campo da educação, refletindo sobre o trabalho pedagógico com o recurso da literatura, enfatizando a sua relevância no processo de alfabetização e letramento das crianças. A partir disso, concluiu-se que, através de diferentes estratégias, o trabalho planejado poderá promover, de modo eficaz, o interesse e o desenvolvimento dos alunos e alunas diante dos contextos de aprendizagens. O espaço da biblioteca escolar também se faz como uma ponte no compartilhamento de diversas obras, mas, a ausência desse elemento nas escolas é sentida pelas informantes. Em suma, a literatura é um recurso pedagógico que poderá ser utilizado em sala de aula para trabalhar os conhecimentos de forma geral, levando-se em consideração o ser humano em sua forma integral.

Palavras-chave: Leitura de Literatura; Prática Pedagógica; Alfabetização e Letramento.

ABSTRACT

The present study deals with pedagogical work involving reading literature in the classroom, and how this contributes to children's literacy and literacy processes. The discussions presented here encourage reflection on the importance of children's literature as a teaching resource used by teachers, aiming to develop in children not only reading competence, but also various aspects related to cognitive, intellectual, social and human learning. The starting point was the following guiding question: How does the pedagogical practice of working with reading literature in the literacy cycle contribute to the development of child readers? The general objective was to investigate the pedagogical practice of reading literature and its contributions to children's reading development during the literacy process. In this sense, the following specific objectives were established: a) to discuss pedagogical practice and reading literature; b) to identify how reading literature contributes to children's literacy and reading development; and c) to analyze pedagogical practice involving reading literature in 1st and 2nd year classes, in the initial years of elementary school. The methodological aspects are based on qualitative research in education. Initially, the study was characterized as descriptive, fieldwork, and interviews were conducted with teachers from two public schools in the municipality of Serra de São Bento/RN. The subjects were three teachers from the 1st and 2nd year classes. The theoretical basis was supported by studies from: Arroyo (2011), Franco (2016), and Freire (2021), who discuss teaching practices. Additionally, studies by Amarilha (1997), Cademartori (2010), Cosson (2014), Yunes (2010), were referenced to better understand children's literature, highlighting the importance of this universe. Soares (2011), in turn, brings reflections on literature when schooled. Ferreiro (2011), Soares (2020), and Tfouni (2010) discuss the process of literacy and reading acquisition. The findings obtained in this work have significant implications for the field of education, reflecting on pedagogical work using literature and emphasizing its relevance in the children's literacy process. From this, it is concluded that, through different strategies, the planned work effectively promotes students' interests and development in learning contexts. The school library space also serves as a bridge for sharing various works, but its absence in schools presents notable gaps. In short, literature is a pedagogical resource that can be used in the classroom to foster overall knowledge, taking into account the human being in its entirety.

Keywords: Literature Reading; Pedagogical Practice; Literacy and Learning.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	A PRÁTICA PEDAGÓGICA E A LEITURA DE LITERATURA NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO	16
2.1	A prática pedagógica e o ensino da leitura de literatura na sala de aula	17
2.2	Leitura de literatura e alfabetização: a importância do universo literário na formação leitora das crianças	22
3	METODOLOGIA	27
3.1	Sobre a pesquisa	27
3.2	Os sujeitos e o <i>lócus</i> de pesquisa: caminho metodológico	28
4	ANÁLISES REFLEXIVAS A PARTIR DO OLHAR DOCENTE	32
4.1	Literatura e Prática Pedagógica	33
4.2	Literatura e Alfabetização	41
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
	REFERÊNCIAS	50
	APÊNDICES	53

1 INTRODUÇÃO

O tempo investido na leitura dos livros com as crianças é essencial para o seu próprio desenvolvimento, estimulando o pensamento crítico e reflexivo, além do incentivo à formação leitora. Desse modo, os livros e textos literários precisam estar presentes desde cedo no cotidiano do público infantil, tendo em vista que o período de transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental Anos Iniciais é uma etapa que consiste, dentre outros aspectos, no ensino e aprendizagem do sistema alfabético, nas habilidades de leitura e escrita, no letramento, na autonomia, e a leitura de literatura, certamente, irá contribuir no decorrer desse processo.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2017), nos Anos Iniciais, especificamente, no 1º e 2º ano, deve-se trabalhar as práticas pedagógicas com o foco no ciclo de alfabetização, através de momentos que conduzam ao crescimento integral dos alunos. E a literatura infantil na escola coopera para que esse desenvolvimento aconteça. Sob esse viés, Zilberman (2003), nos diz que a literatura se dá como ponto de partida na construção de diálogos, na qual oportuniza essa aproximação do ouvinte/leitor(a) com os textos e livros apresentados.

Vale destacar que, este é um trabalho gradativo, pois dentro da sala de aula encontramos uma turma heterogênea, cada indivíduo possui características únicas, por isso é comum percebermos alguns avanços, assim como, impasses nesse contexto. Para tanto, é primordial que os educadores levem em consideração os conhecimentos prévios de cada um, além das suas habilidades e dificuldades, tendo em vista o seu ritmo de aprendizagem. Seguindo essa linha de pensamento, Rubem Alves (2004), comenta que a relação com a leitura precisa ser uma relação amorosa e instigante; posto isso, o papel do professor, através de suas práticas, é incentivar as crianças a desenvolverem o gosto pela leitura, se perfazendo numa troca de experiências, sendo estas, significativas e acompanhadas de saberes, favorecendo o seu letramento, que é imprescindível refleti-las com o uso do recurso da literatura infantil. Portanto, deve-se criar possibilidades para a construção desses sujeitos.

O interesse pela temática, prática pedagógica e ensino de literatura, surgiu durante as aulas do componente curricular “Estágio Supervisionado II”, no qual, tem se destacado a dimensão do uso de gêneros textuais no processo de ensino e aprendizagem, e como estes devem ser trabalhados nos Anos Iniciais e ainda, as suas colaborações para essa fase, no estímulo para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita, aguçando a curiosidade, a criatividade e o prazer pela leitura.

Em momentos de reflexões, é nítido percebermos que o nosso gosto pelos livros vem desde a nossa tenra idade, quando ouvíamos uma contação de história, esquecíamos de tudo o que estava ao nosso redor e nos envolvíamos no decorrer de cada página lida. A qualquer descoberta a imaginação fluía, criando cenários, pensando nos personagens participantes, suas características, vestimentas, lugares que frequentavam e o desenrolar de cada situação, permitindo conceber um outro mundo, fazendo despertar a nossa vontade de ler mais e mais. É explícito que quando lemos, mais conhecimentos adquirimos e, logo, ampliamos a nossa visão de mundo.

Na escola, a literatura infantil se faz de extrema importância, principalmente no período de alfabetização das crianças, pois permite que elas tenham conhecimento das diversas obras literárias, proporcionando uma conexão com os livros. O desenvolvimento da leitura tem por finalidade aprimorar o pensamento crítico, expandir a criatividade e quebrar barreiras, visto que, a sua presença é constantemente marcada de modo positivo, como afirma Cosson e Souza (2011), o ato de ler se faz como uma das capacidades culturais mais valorizadas na nossa sociedade. Desse modo, o estudo possibilitará um olhar reflexivo sobre as práticas utilizadas com a leitura de literatura, conduzindo os(as) alunos(as) a uma aprendizagem significativa para, futuramente, tornarem-se adultos críticos e conscientes.

Diante disso, para direcionar a pesquisa, trazemos a seguinte indagação: Como se dá a prática pedagógica para o trabalho com a leitura de literatura no ciclo da alfabetização pensando no desenvolvimento de crianças leitoras? Determinamos como objetivo geral: investigar a prática pedagógica com a leitura de literatura e suas contribuições na formação leitora das crianças em processo de alfabetização e letramento. Como objetivos específicos, pretendemos: a) discutir sobre a prática pedagógica e a leitura de literatura; b) identificar como a leitura de literatura contribui na formação das crianças em relação à alfabetização e ao letramento; e c) refletir a prática pedagógica com a leitura de literatura em turmas de 1º e 2º ano, dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Para o aprofundamento desse universo, lançamos mão dos/das principais teóricos e teóricas postulados por: Arroyo (2011), Franco (2016), e Freire (2021), que discorrem sobre as práticas dos docentes. Como também, Amarilha (1997), Cademartori (2010), Cosson (2014), Yunes (2010), que destacam conceitos que envolvem o universo da literatura infantil. Soares (2011), por sua vez, expande as reflexões sobre a literatura que, ao ser escolarizada, acaba se fazendo em uma perspectiva inadequada. Enquanto, Ferreiro (2011), Soares (2020), e Tfouni (2010), discutem acerca do processo de alfabetização e letramento.

Na metodologia, utilizamos a pesquisa de campo, esta, com a abordagem qualitativa em educação, e de natureza descritiva. Para a construção dos dados, utilizamos a técnica da entrevista semiestruturada. O estudo foi desenvolvido com três docentes que fazem parte de duas escolas públicas na cidade de Serra de São Bento/RN, e como critério escolhemos as turmas do ciclo de alfabetização.

O presente trabalho está dividido em cinco capítulos que cumprem a seguinte ordem: introdução que apresenta a abordagem sobre a temática, a justificativa, a questão de pesquisa, os objetivos, o aporte teórico, a metodologia e a organização do texto. Em seguida, apresentamos o referencial teórico subdividido em dois tópicos: o primeiro aborda a prática pedagógica e o ensino da leitura de literatura na sala de aula, e o segundo abrange a leitura de literatura e alfabetização; abordando a importância desse universo na formação leitora das crianças.

Logo após temos a metodologia, que consiste nas reflexões sobre os aspectos do estudo, bem como, o tipo de pesquisa, os sujeitos e o percurso metodológico. Adiante, as discussões e os resultados da análise de dados coletados na pesquisa de campo, trazendo as falas dos sujeitos, os diálogos entre os respectivos estudiosos e a análise da pesquisadora. Por último, as considerações finais do trabalho, seguida das referências e dos apêndices.

2 A PRÁTICA PEDAGÓGICA E A LEITURA DE LITERATURA NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO

Falando de livros

O livro é a casa
onde se descansa
do mundo.

O livro é a casa
do tempo,
é a casa de tudo.

Mar e rio
no mesmo fio,
água doce e salgada.

O livro é onde
a gente se esconde
em gruta encantada.

(Roseana Murray)

A leitura deve fazer parte da vivência da criança desde muito pequena. Os primeiros contatos da criança com a escrita, geralmente, acontecem por meio de uma contação de história feita pelos seus pais/mães/responsáveis na hora de dormir, ou como um passatempo no seu dia a dia: a receita do bolo da vovó, a nota de compras, o recado no *post it* deixado na porta da geladeira, a brincadeira com revistas, jornais ou outros materiais escritos. Esses momentos ficam marcados durante toda a vida da criança, possibilitando aproximá-la ao universo leitor e das descobertas de novos horizontes, sem sequer sair do lugar, a partir da sua própria curiosidade com o desejo de conhecer e aprender coisas novas.

Ferreiro (2011), evidencia que essas vivências dos indivíduos com as informações acontecem no seu cotidiano e que, frequentemente, fazem o uso da língua escrita, muitas de modo não intencional. Vale enfatizar que a criança ao adentrar no âmbito escolar, traz consigo uma bagagem de conhecimentos advindos das distintas experiências acumuladas no seu ambiente familiar e que se faz necessário, o olhar crítico-reflexivo do(a) docente a partir desse entendimento em seu espaço educacional.

Levando em consideração que esse recurso é de extrema valia para o seu desenvolvimento pleno, aprofundaremos as discussões percorrendo acerca dos aspectos das práticas pedagógicas trabalhadas pelos(as) educadores(as), bem como, o uso da leitura de literatura dentro da sala de aula e a sua importância na formação das crianças.

2.1 A prática pedagógica e o ensino da leitura de literatura na sala de aula

Ao longo do tempo, a sociedade foi se modificando, trazendo novas perspectivas e abordagens, se caracterizando em uma nova época; em consequência disso houve também algumas modificações no tocante às concepções voltadas às instituições escolares. Desse modo, podemos citar dois dos principais marcos que aconteceram em território brasileiro no ano de 1988 quando foi regulamentada a Constituição Federal, precisamente em seu Artigo 205, e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96 (LDB), que destaca o dever da família e do Estado na garantia do acesso e a permanência de crianças e jovens nas escolas, referindo-se a uma educação básica obrigatória, gratuita e de boa qualidade. A vista disso, o ensino deve ser relacionado à prática social.

Portanto, a escola é um espaço educativo que tem por finalidade formar e promover o desenvolvimento do sujeito em seus aspectos cognitivo, social, cultural e humano. Isto nos leva a pensar nas práticas docentes desenvolvidas dentro dessas instituições, pois nos deparamos com uma realidade complexa frente à educação. Arroyo (2011), afirma que devemos focar na autonomia da escola, nos educadores e educandos como seres humanos que têm as suas próprias identidades, pois no cotidiano desse espaço há troca de experiências, culturas, valores e tudo ao seu redor é movido através destes elementos, se constituindo em uma junção. Bem como, Freire (2021, p. 24) salienta “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”. O ato de ensinar precisa perpassar propostas educativas inovadoras que devem ser desenvolvidas e trabalhadas, auxiliando no processo de ensino-aprendizagem de modo satisfatório, colocando-se o(a) aluno(a) como o(a) protagonista da sua própria construção, sujeito ativo com o conhecimento de mundo capaz de transformá-lo.

Essas propostas são traçadas através da prática docente que ao configurar-se como prática pedagógica, Franco (2016), ressalta que, se fazem numa perspectiva ampla e envolvente, que não se resumem apenas aos comportamentos adotados dentro da sala de aula, já que tem por intuito a concretização de um conjunto de ações organizadas para o planejamento na prática educativa, ou seja, estas são construídas com intencionalidades didáticas ao longo do processo, e portanto, necessita de diálogos contínuos entre os sujeitos envolvidos, para, assim, garantir que os objetivos de ensino sejam alcançados.

Ainda em consonância com Franco (2016, p. 542):

Quando se fala em prática pedagógica, refere-se a algo além da prática didática, envolvendo: as circunstâncias da formação, os espaços-tempos escolares, as opções da organização do trabalho docente, as parcerias e expectativas do docente. Ou seja, na prática docente estão presentes não só as técnicas didáticas utilizadas, mas, também, as perspectivas e expectativas profissionais, além dos processos de formação e dos impactos sociais e culturais do espaço ensinante, entre outros aspectos que conferem uma enorme complexidade a este momento da docência.

Caracterizando-se como ação intencional e participativa que ocorre na interação entre professor, aluno e conhecimento, na concepção de Houssaye (1995) *apud* Franco (2016), as práticas são classificadas como um “triângulo pedagógico”, e devem ser levadas em consideração para uma formação humana. Por isso, se faz relevante que o professor em sua prática docente tenha como base uma reflexão crítica e consciente da realidade escolar. Arroyo (2011), evidencia a importância dessa inovação nas práticas pedagógicas.

São inúmeras as circunstâncias dentro desse âmbito, e logo, faz repercutir acerca dessas questões: Como o docente atua na sala de aula? E o seu trabalho pedagógico com a literatura infantil? Ao dialogarmos com Paulo Freire (2021), compreendemos que a curiosidade do ser humano é uma capacidade natural, nesse sentido, a criança cresce como um ser pensante que vai se conectando com o mundo ao seu redor, concebendo a literatura como um recurso essencial para a vida. Considera-se que a literatura tem o poder de humanizar, pois aproxima os sujeitos das distintas realidades encontradas nos textos/livros verbais e visuais, possibilitando o uso da imaginação que transcende o consciente e desenvolve novas percepções de mundo.

Em relação ao trabalho com a literatura infantil, este se dá por dois vieses: o primeiro volta-se aos aspectos pedagógicos, como um instrumento que tem por foco a metalinguagem e ainda se faz um lugar de destaque; já por outro, ela é vista a partir de seu valor estético e lúdico transmitido, que se faz um caminho a ser seguido, onde as crianças podem imaginar, explorar e vivenciar, a qual deve ser trabalhada de forma articulada dentro do próprio ambiente (Cademartori, 2010).

Entretanto, é inevitável que muitas vezes ao levá-la para a escola, essa literatura transcorra em um processo de escolarização e o modo pela qual é escolarizada obtém um sentido negativo, se distanciando de práticas sociais de leitura.

Conforme Soares (2011, p. 22):

[...] na realidade escolar essa escolarização acaba por adquirir, sim, um sentido negativo, pela maneira como ela se tem realizado, no cotidiano da escola. Ou seja: o que se pode criticar, o que se deve negar não é a escolarização da literatura, mas a inadequada, a errônea, a imprópria escolarização da literatura, que se traduz em sua deturpação, falsificação, distorção, como resultado de uma pedagogização ou uma

didatização mal compreendidas que, ao transformar o literário em escolar, desfigura-o, desvirtua-o, falseia-o.

Nessa perspectiva, ainda carrega a concepção de uma atividade que não possui muito significado, visto que não se insere no sistema literário, mas em um pretexto para se trabalhar aspectos gramaticais. Zilberman e Silva (2008, p. 24), comentam que, “o exercício da leitura é o ponto de partida para o acercamento à literatura. A escola dificilmente o estimulou, a não ser quando condicionado a outras tarefas, a maior parte de ordem pragmática”, voltando-se a outros objetivos.

Além da problemática do uso da literatura apenas como pretexto para o trabalho com a gramática, ainda se fazem presentes outros problemas relacionados a esse recurso, principalmente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Diante disso, Soares (2011), vai citar alguns exemplos dessa escolarização inadequada e, como uma das principais, se destaca dentro da biblioteca escolar, que é um espaço simbólico de privilégio da leitura, dispondo das mais variadas obras literárias em diversos gêneros e que impulsiona um contato maior da criança com o mundo literário. No entanto, ainda se tem alguns padrões e rituais que são seguidos ao acesso a esse lugar, como a forma de manusear os livros, as fichas de leitura que os acompanham e precisam ser preenchidas, muitas vezes, a leitura acontece de modo superficial e com um tempo preestabelecido, onde a criança precisa seguir essas orientações.

Na sala de aula, a falta de tempo para momentos que priorizem o debruçar-se nessa leitura literária, ou até mesmo o uso inadequado dos livros infantis e dos textos nos livros didáticos, são outros exemplos dessa instância de escolarização. Os livros infantis são usualmente associados a uma atividade ou um dever escolar, reportando-se a uma intencionalidade pedagógica, na qual visa somente o ensino da língua; em que o(a) aluno(a) vai em busca de informações explícitas para questões trazidas a partir dos textos expostos, se caracterizando como pretexto para uma interpretação objetiva.

Ainda, alguns dos textos encontrados nos livros didáticos são transportados de forma incompleta, causando um efeito de fragmentação, geralmente, marcados pelas reticências que é um sinal de pontuação encontrado no corpo do texto ou no final deste, indicando que houve uma interrupção, o que gera a perda do sentido pretendido pelo autor. Por isso, em momentos destinados à leitura durante a aula dos textos e livros didáticos, vão surgindo algumas dúvidas por parte dos alunos, devido a essa quebra de texto, gerando uma incompreensão vinda deles ao ouvir/ler e logo, a falta de respostas para os seus questionamentos. Também é comum encontrar os considerados pseudotextos, estes são textos que não possuem um teor literário e nem linearidade, são desprovidos de sentidos para os(as) aprendizes.

Portanto, o trabalho pedagógico com a literatura requer alguns cuidados para que ela seja escolarizada adequadamente e se redimensione. Em relação a escolha dos textos ao serem trazidos para a sala de aula, Cosson e Sousa (2011, p. 103), afirmam que, deve-se: “[...] privilegiar o texto literário e prestar atenção ao escolher um texto do livro didático, pois esse pode estar fragmentado, além do mais já se trata da transposição de um suporte para o outro. Devemos escolher o texto no seu suporte original, ou seja, o livro infantil”. Nessa ótica, considerar a sua integridade, pois a literatura traz um leque de possibilidades, e cabe ao(à) docente através das suas práticas trabalhar de modo articulado com outras habilidades para que se possa trazer sentido às crianças.

Por trás de cada livro se reservam muitas surpresas e descobertas, proporcionando, assim, uma leitura instigante, que vai construindo uma relação prazerosa com o leitor infantil. Cademartori (2010), também nos apresenta alguns critérios que precisam ser considerados para essa escolha, tais como: características e elementos que constituíram a história; se os textos/livros são adequados para a faixa etária da turma; se o universo de referência do texto/livro confirma informações já conhecidas pelo leitor e não trazem algo novo, ou se ampliam as perspectivas dos estudantes, apresentando novos significados e novos conhecimentos, enriquecendo a sua bagagem cultural.

Amarilha (1997), nos fala que, se o mundo que se tem composto dentro do texto narrativo provoca as crianças, é porque condiz as suas curiosidades e expectativas e, conseqüentemente, traz significado para elas. De modo que, é necessário fazê-las um convite para visitar este espaço que compõe o texto, e tem o poder de envolvê-las por meio do seu imaginário, alcançando o seu eu mais íntimo. Dessa forma, com a inclusão da leitura de literatura, a criança consegue criar conexões entre a fantasia e a vida real, a exemplo dos contos de fadas.

Segundo Bettelheim (2015, p. 106):

a criança intuitivamente compreende que, embora essas histórias sejam irreais, elas não são inverídicas; que embora aquilo que essas histórias narrem não ocorra de fato, deve ocorrer enquanto experiência interior e desenvolvimento pessoal; que os contos de fadas retratam de forma imaginária e simbólica os passos essenciais para o crescimento e para a aquisição de uma existência independente.

A organização dessas narrativas é definida por Amarilha (1997), como “construtoras de sentido”, isto é, mesmo que as narrativas sejam fictícias se caracterizam no desenvolvimento da verossimilhança e promovem experiências únicas, ao suprir os anseios e instruir as crianças na compreensão de determinadas situações que acontecem na sua vida

cotidiana, seja no âmbito familiar ou no escolar. Ao ouvir/ler é possível trazer memórias e interligar aos fatos cotidianos, enquanto atinge o seu lado emocional e intelectual, uma vez que, quebra um muro existente entre esses dois mundos, o fictício e o real. Sendo assim, essas obras se tornam, principalmente, um instrumento de contribuição no desenvolvimento cognitivo da criança.

Portanto, a narrativa, através desse jogo dramático, proporciona modelos antecipatórios de situações que a criança poderá vir a vivenciar como criança e como adulto. Ler é, então, participar de um teatro íntimo, ser ator e espectador ao mesmo tempo e não ter outra plateia que não a si mesmo. É por isso que a narrativa proporciona autonomia. No mundo imaginado, o leitor ou ouvinte é senhor absoluto e isso se dá pelo jogo. (Amarilha, 1997, p. 53 - 54).

E é a partir desse jogo fictício que a criança, de forma autônoma, ingressa na história e brinca do faz de conta, se envolvendo e conhecendo novas dimensões, ao mesmo tempo em que essa leitura se faz uma porta de entrada para o conhecimento. Esse momento se dá essencialmente, através da linguagem. Amarilha (1997), ainda enfatiza que, com base nesse envolvimento com a literatura, a criança já vai se habituando com as estruturas linguísticas mais complexas, nos jogos lúdicos por meio da língua. Mesmo que ainda não sejam leitoras participa da atividade ao ouvir os “poemas, relatos de histórias ou leituras de livros de imagens [...]” (Amarilha, 1997, p. 56). Nesse sentido, o(a) docente realiza uma aproximação entre eles e a obra trabalhada, acarretando um encontro de diálogos e, conseqüentemente, também a introdução à escrita.

Em concordância com Zilberman (2003, p. 28), “ao professor cabe o desencadear das múltiplas visões que cada criação literária sugere, enfatizando as variadas interpretações pessoais, porque decorrem da compreensão que o leitor alcançou do objeto artístico, em razão de sua percepção singular do universo apresentado”. Como dito anteriormente, o direcionamento às práticas significativas, acontece através desse viés literário, que concerne no valor artístico dado às leituras, instigando os(as) alunos(as) a uma conversa prazerosa, pois são nesses contatos, que se encontram a beleza extraída da linguagem, das ilustrações que acompanham as obras, da forma como se é posta, dos elementos que são trazidos em seus detalhes.

Segundo Freitas (2010), proporcionar essas experiências inclusivas com a leitura de literatura provoca na criança o desenvolvimento das suas funções psicológicas superiores, como a consciência, a memória, a vontade de se expressar, e a aprendizagem. Assim proporcionando desde cedo o despertar pelo gosto à leitura, incentiva a participação da criança de forma mais significativa em sua completude.

E a partir do ensino da leitura de literatura infantil, vamos nos debruçar nas relações da leitura que esta literatura traz como meio de contribuição para as crianças, particularmente, em seu período de alfabetização.

2.2 Leitura de literatura e alfabetização: a importância do universo literário na formação leitora das crianças

[...] Quando acordei hoje de manhã, eu sabia quem eu era, mas acho que já mudei muitas vezes desde então.

(Alice no País das Maravilhas).

Ao falarmos de leitura, não nos referimos meramente a leitura de uma escrita em um quadro ou a de letras digitadas/impressas em um papel. Ela está presente no nosso dia a dia a partir de nossos diferentes gestos, essas práticas são vistas quando lemos ao assistirmos uma peça teatral, quando a meteorologista na TV analisa a previsão do tempo, quando o pai lê ao perceber que seu filho está se sentindo triste, a moça no supermercado lê ao fazer suas compras, a professora na escola lê ao identificar as dificuldades dos seus estudantes, e mediante a isto, compreende-se que a presença da leitura está em todos os lugares implícita ou explicitamente. Martins (2012), vai dizer que, nos questionamentos que concernem ao conceito dessa leitura se tem uma subjetividade nas respostas, no contato de cada sujeito que passa por uma experiência própria de modo individual a partir da sua compreensão, se fazendo em um processo que vai se constituindo em uma troca de sentidos e resulta no compartilhamento de uma visão de mundo.

Na perspectiva de Cosson e Souza (2011), o ato de ler é crucial na nossa sociedade, e tudo o que fazemos passa precisamente pela representação da língua escrita, definindo-se um dos diversos meios de expressão do ser humano.

Mas, afinal, o que é leitura? Martins (2012, p. 33), esclarece que,

a leitura vai, portanto, além do texto (seja ele qual for) e começa antes do contato com ele. O leitor assume um papel atuante, deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo. E o contexto geral em que ele atua, as pessoas com quem convive passam a ter influência apreciável em seu desempenho de leitura. Isso porque o *dar sentido a um texto* implica sempre em levar em conta a situação desse texto e de seu leitor. E a noção de texto aqui também é ampliada, não mais fica restrita ao que está escrito, mas abre-se para englobar diferentes linguagens.

Há, portanto, uma visão ampla sobre a concepção de leitura em cada contexto, considerada algo muito complexo e vasto, vista como um meio de compartilhamento.

Mediante o acesso à leitura, não só de livros, mas de outras linguagens, integramos as diversas comunidades de leitores(as) (Cosson, 2014). De certa forma, lemos praticamente tudo e a todo tempo, pois essa prática nos acompanha ao longo da nossa vida, sendo uma importante via de acesso à comunicação, acervo cultural e princípios.

Cosson (2014a, p. 51), afirma que, “a leitura como diálogo pressupõe uma relação que se estabelece entre leitor e autor, texto e contexto, constituindo o que chamamos de circuito da leitura”, e a capacidade desse leitor é desenvolvida lendo. Então trazer o próprio leitor/leitora ou ouvinte para práticas com os textos e livros torna ele um ser ativo. O contato com a leitura possibilita ao sujeito não se limitar ao que está exposto, mas estabelecer diálogos e fazer conexões do que está sendo transmitido no decorrer da leitura com o mundo real. E é esse entendimento que permite que a sua consciência se expanda.

Segundo Harvey e Gouvis (*apud* Cosson e Souza, 2011, p. 103 - 104):

[...] quando lemos, os pensamentos preenchem nossa mente, fazemos conexões com o que já conhecemos ou, ainda, inferimos o que vai acontecer na história. São as conversas interiores com o texto que está sendo lido e o que passa pela nossa mente quando lemos que nos ajudam a criar um sentido.

Nessa compreensão, o uso da leitura e as distintas formas em que ela vai circulando em cada espaço social é de fundamental importância, na medida em que vai contribuir nos diversos aspectos do desenvolvimento do indivíduo e como o mesmo pode levar esses conhecimentos para o seu próprio universo tanto interior quanto exterior.

Por conseguinte, para se formar leitores, é imprescindível se formar leitores que sejam literários, visto que:

a formação de leitores literários é indissociável da formação humana, uma vez que não se pode restringir a formação de leitores apenas ao ato de ler pura e simplesmente, desconsiderando a literatura como uma forma de conhecimento. Conhecimento esse que é, artisticamente, estruturado, sobre nossas experiências como seres humanos. (Silva, 2022, p. 18).

Diante dessa premissa, podemos enxergar o quanto a atividade envolvendo a leitura traz possibilidades para humanizar ao provocar pensamentos, sentimentos e emoções, assim, essa prática se estabelece como um ato construtivo. Yunes (2010, p. 61), complementa que, “a literatura faz com que o leitor não se sinta um receptor passivo, mas seja partícipe da aventura de viver e de criar, co-inventor de seu mundo e co-narrador da história”. Logo, a leitura de literatura propicia ao sujeito vivenciar experiências inclusivas, como uma forma de explorar o

mundo ao seu redor e se deslumbrar nas surpresas que percorre cada lugar, bem como ir se descobrindo.

Desse modo, a leitura literária tem seu papel na vida em sociedade, nos diferentes espaços, nas escolas e, essencialmente, nos primeiros anos de formação do sujeito, no ciclo da alfabetização, período em que a criança se aproxima das diversas práticas de letramento. Essas práticas levam a construir desde pequeno um repertório de leitura, favorecendo a formação através dos diversos conhecimentos de mundo, despertando sensações e expandindo suas percepções.

Soares (2020), comenta que no ano de 1980, a alfabetização era compreendida por uma aprendizagem de um código alfabético. E Mortatti (2004, p. 34), sustenta que “de fato, ainda é preciso aprender a ler e escrever, mas a alfabetização, como aquisição de habilidades de mera decodificação e codificação da linguagem escrita e as correspondentes dicotomias analfabetismo x alfabetização e analfabeto x alfabetizado não bastam... mais”.

No decorrer do tempo com as novas exigências sociais a concepção desse ciclo foi se ampliando e de modo geral, se dá em um determinado período de desenvolvimento da criança, que consiste no processo de aprendizagem através de um conjunto de habilidades de leitura e escrita de forma autônoma. Isto significa, na aprendizagem do Sistema de Escrita Alfabética, que a alfabetização vai além de simplesmente, decodificar e codificar as palavras, e ainda, possibilita que a criança compreenda as convenções da língua, já que, necessariamente “a alfabetização pode e deve contribuir para a compreensão, difusão e enriquecimento de nossa própria diversidade, histórica e atual” (Ferreiro, 2011, p. 55).

Isto é, essa magnitude da diversidade cultural e o que lhe acarreta se faz de extrema valia, pois também influencia para que esse sujeito seja atuante diante da sociedade, no qual, vai se formando ativamente por meio da introdução da língua com as práticas escolares, na capacidade de se ter voz, seja ela de forma oral ou escrita.

Nesse sentido, o ciclo da alfabetização volta-se para a aprendizagem das crianças envolvendo o desenvolvimento das suas habilidades e competências, que pode ser definido a um processo de aquisição da linguagem escrita de modo individual. Logo, este período não é um modelo linear e acabado, na medida em que se tem uma complexidade, onde as crianças percorrem por alguns níveis, (Tfouni, 2010), e nas quais, são consideradas etapas dinâmicas e singulares. Consoante a Soares (2020), toda criança é capaz de ler e escrever, e isso vai acontecer a partir dos métodos trazidos nas práticas pedagógicas, que devem ser motivadoras e significativas.

É comum que nessas etapas algumas crianças apresentem dificuldades em relação à leitura e escrita ou até mesmo o desinteresse nas atividades escolares que vão sendo trabalhadas, visto que, esse processo transcorre gradativamente. Desse modo, uma forma de aproximá-las se dá por meio do termo definido como letramento, que a partir da forma que se é introduzido dentro do ambiente escolar possibilita o favorecimento da sua formação integral.

O letramento se refere a uma expressão diversificada e que vai percorrer toda a vida do indivíduo, através da interação dele com a língua escrita em espaços pessoais e sociais, ou seja, nas habilidades que serão desenvolvidas como leitor ou futuro leitor, tal qual, um produtor de texto competente que vai se tornando praticante assíduo das diferentes obras. E como bem especificam Cosson e Souza (2011, p. 102):

para entendermos como a escrita atravessa a nossa existência das mais variadas maneiras, criamos o termo letramento, ou seja, designamos por letramento os usos que fazemos da escrita em nossa sociedade. Dessa forma, letramento significa bem mais do que o saber ler e escrever. Ele responde também pelos conhecimentos que veiculamos pela escrita, pelos modos como usamos a escrita para nos comunicar e nos relacionar com as outras pessoas, pela maneira como a escrita é usada para dizer e dar forma ao mundo, tudo isso de maneira bem específica.

Do mesmo modo que, a alfabetização se faz abrangente, o letramento caminha junto, por meio das relações humanas que se desenvolvem através dos saberes compartilhados dentro desse meio, já que a sociedade na medida em que cresce, também se modifica, pois “[...] focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade”. (Tfouni, 2010, p. 22). Isto significa que, tudo o que compreende esse contexto propicia o ensino e aprendizagem desses sujeitos.

Por conseguinte, a alfabetização e o letramento são processos distintos e seus meios de ensino e aprendizagem são de abordagens diferentes, mas que são considerados indissociáveis e que se complementam simultaneamente, conforme definido pelo termo Alfalettar. (Soares, 2020).

Vale destacar que de acordo com o documento dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1997), vai colocar o texto numa centralidade de ensino nos Anos Iniciais. E Soares (2020), consolida que esse é o ponto de partida, o eixo no trabalho com os gêneros textuais para desenvolver o letramento, não se restringindo a pedagogia dos livros didáticos. Assim, o ensino com a literatura no processo de alfabetização, vai enfatizar a experiência dos futuros leitores e leitoras em sua formação.

Compete hoje ao ensino da literatura não mais a transmissão de um patrimônio já constituído e consagrado, mas a responsabilidade pela formação do leitor. A execução dessa tarefa depende de se conceber a leitura não como o resultado satisfatório do processo de alfabetização e decodificação de matéria escrita, mas como atividade propiciadora de uma experiência única com o texto literário. A literatura se associa então à leitura, do que advém a realidade dessa. (Zilberman; Silva, 2008, p. 22 e 23).

Portanto, deve-se inserir as crianças em práticas com a leitura. Para Tfouni (2010), o “prazer da leitura” deve ser trabalhado com a criança como um dos objetivos principais durante sua formação, mas esse prazer precisa ser estimulado de modo natural, onde ela possa se envolver com a leitura de literatura espontaneamente. Isso implica em construir um novo olhar, possibilitar que ela perceba o quanto ler é interessante, de modo, a ser associado intrinsecamente a algo afável, construindo possibilidades nesses momentos de leitura.

No capítulo seguinte, iremos trazer os procedimentos metodológicos que utilizamos para a construção desse trabalho.

3 METODOLOGIA

Se faz relevante compreender como são construídas as práticas pedagógicas dos professores(as) no ambiente escolar durante o período de alfabetização das crianças, bem como, as contribuições da leitura de literatura nesta etapa de desenvolvimento infantil. Sendo assim, a metodologia é uma parte crucial no decorrer desse contexto, no que se refere ao “[...] caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade” (Minayo, 1994, p. 16).

Neste tópico, pretendemos traçar uma discussão pertinente a essa pesquisa realizada para a construção do presente estudo, do mesmo modo, abordar os procedimentos metodológicos, técnicos e instrumentos que foram utilizados para a coleta de dados, seguido dos sujeitos participantes e o caminho percorrido, fazendo uma articulação entre teoria e prática.

3.1 Sobre a pesquisa

A pesquisa pode ser definida como um processo de análise dos fatos sociais dentro de uma realidade que, a partir do conhecimento científico é possível buscar uma melhor compreensão no que concerne a um determinado objeto de estudo, conforme os objetivos que se procura alcançar, através dos respectivos procedimentos.

O estudo se constitui como uma abordagem qualitativa em educação. Segundo Minayo (1994, p. 21 e 22): “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, [...]”, e sua natureza é descritiva. Por sua vez, Oliveira (2007), diz que é fundamental essa descrição detalhada, em relação ao tempo, o lugar, a revisão da literatura e a coleta de dados, isto é, uma de suas principais características volta-se justamente a esse espaço como fonte de informações, e que vai corresponder a algo mais profundo das relações, processos e fenômenos. Se faz relevante a clareza na construção desse trabalho que possui um caráter subjetivo.

Pretendemos refletir a prática pedagógica com a leitura de literatura em turmas de 1º e 2º ano, dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Nesse sentido, a pesquisa é também definida como um trabalho de campo, ou seja, aquela que tem um encontro mais direto com o objeto de estudo. Para Fachin (2006), no estudo de campo os fatos sociais presentes são meramente enxergados sem nenhum tipo de influência. A partir desse tipo de pesquisa é

possível extrair informações no que se refere ao cotidiano com o intuito de explorar esse conceito sistêmico.

Enquanto instrumento de coleta de dados, foram realizadas entrevistas que se definem como uma das técnicas mais usadas no campo das ciências, sendo utilizadas neste a entrevista semiestruturada. Optamos por realizá-la *in lócus*, por meio de gravação em áudio. A grade de perguntas foi composta por três blocos, sendo o primeiro destinado ao perfil pessoal e profissional dos sujeitos e os outros dois com perguntas abertas relacionadas ao tema.

A escolha dessa técnica se deu devido, principalmente, a colher respostas mais precisas através de uma conversa. Gil (2008, p. 109), sustenta que, “a entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação”. Ou seja, a entrevista individual segue uma estrutura que investiga sobre a temática em questão.

Segundo pressupõe Oliveira (2007), nessa circunstância acontece uma interação maior entre o entrevistador e o entrevistado, e a partir destas questões se tem o ponto de vista dos sujeitos, mas é imprescindível o cuidado para que não haja nenhuma interferência nas respostas obtidas.

Para a coleta de dados foram escolhidos dias e horários específicos a combinar com os sujeitos. Vale ressaltar que, foi pedida a permissão a cada uma das professoras para que pudessemos registrar as respostas através de gravações em áudio, que logo em seguida foram transcritas no Google Docs. Segundo Gil (2008), a gravação é o meio mais eficaz para guardar as informações obtidas nas entrevistas.

Também realizamos um questionário com a Coordenação Pedagógica para obtermos informações relativas às escolas, como a sua estrutura, a quantidade de funcionários e de alunos matriculados e ainda, no tocante aos projetos de leitura que estão sendo desenvolvidos nas mesmas. Após a obtenção dos dados foi realizado diálogos fazendo articulações com o aporte teórico para a análise dos dados.

No próximo subitem serão apresentados os sujeitos e o local que realizamos a coleta de dados, seguidas de algumas informações referentes aos espaços.

3.2 Os sujeitos e o *lócus* de pesquisa: caminho metodológico

Este estudo foi realizado em duas escolas da rede pública de ensino localizadas na zona urbana do município de Serra de São Bento, no Estado do Rio Grande do Norte. A escolha dos locais se deu pela possibilidade de refletirmos sobre as práticas pedagógicas

utilizadas pelos docentes com a leitura de literatura em escolas de municípios do interior do Estado, e também por serem mais próximas à nossa localidade.

A primeira instituição de ensino escolhida compreende o ensino regular, no que se refere à primeira etapa do Fundamental em turnos divididos entre o matutino e o vespertino, já na segunda, às duas etapas, os Anos Iniciais e Anos Finais em turnos matutino, vespertino e noturno. Observando o campo de pesquisa, notamos que as duas escolas possuem uma estrutura pequena, distribuídas em salas de aula, sala de professores, secretaria, uma cozinha, uma cantina, um pátio, um banheiro feminino e um masculino, o que compreendem uma organização de estrutura idêntica entre elas. Ao visitá-las percebemos que as mesmas dispõem de acessibilidade para a locomoção da Pessoa com Deficiência - PCD ou com mobilidade reduzida, visando a uma inclusão social e a cidadania.

Ao pensarmos também em um espaço para o incentivo à leitura, na primeira escola não possui um lugar específico. E na segunda, se encontram umas estantes em uma sala pequena que oferece os recursos educativos, com alguns livros para que alunos(as) e professores(as) possam explorar e impulsionar a realização de momentos interativos, prazerosos, acompanhados de muitas descobertas.

De modo geral, na primeira instituição seu quadro funcional abrange 20 funcionários, sendo divididos em: 6 professores titulares, 5 auxiliares, 6 auxiliares de serviços gerais, 1 vigilante, e a equipe da gestão escolar composta por 1 diretora e 1 coordenadora. Já, a segunda compreende o total de 48 funcionários, sendo 7 professores titulares, 3 itinerantes e 5 auxiliares dos anos iniciais, 12 professores dos anos finais, 9 auxiliares de serviços gerais, 3 secretários administrativos, 1 psicólogo, 1 monitora de atividades complementares, 3 vigias, 1 diretor, 1 vice-diretora e 2 coordenadores.

Para este trabalho determinamos como critério o ciclo de alfabetização, na primeira escola uma turma de 1º ano que tem o total de 23 alunos e uma turma de 2º ano com 30 alunos no turno matutino, na segunda, temos uma turma composta pelo 1º e 2º ano na mesma sala, esta tem 20 alunos no turno matutino, com a faixa etária entre os 6 a 8 anos, vale ressaltar que, essa última é uma turma multisseriada.

Neste universo, a amostra de pesquisa se dá por meio da entrevista elaborada com perguntas direcionadas às professoras titulares, composta por um total de 3 profissionais. Destacamos que, para manter preservada a identidade das nossas participantes, demos nomes fictícios para cada uma delas. Sendo assim, a primeira nomeamos como Ruth, ela é graduada em Pedagogia, com especialização em Neuropsicopedagogia; a segunda professora é Cecília, graduada em Pedagogia, possui pós-graduação em Psicopedagogia e Educação Especial, e

está cursando Mestrado em Ciências da Educação; e a terceira, Roseana, graduada em Pedagogia, possui pós-graduação em Psicopedagogia Institucional e Clínica.

Ademais, visitamos as escolas no dia 08 de abril de 2024, para buscarmos informações no que concerne às mesmas, bem como, as autorizações das diretoras para que pudéssemos realizar a nossa coleta de dados através das entrevistas, inclusive, tivemos o contato prévio com as participantes, e aproveitamos para conversar sobre a finalidade da nossa visita, também estabelecemos datas e horários, para que não houvesse nenhum incômodo de ambas as partes. Salientamos que, a realização dessas entrevistas foi de forma presencial. No período compreendido entre os dias 10 e 16 do mesmo mês, gravamos a entrevista com cada professora de modo individual.

Dessa forma, no dia 10 de abril, às 10h15 da manhã aconteceu a primeira entrevista com a professora Cecília da turma do 2º ano. Esse foi o dia do seu planejamento, marcamos para esse dia pois era um momento mais tranquilo para que pudesse acontecer nosso encontro, que aconteceu na secretaria da escola. Fomos muito bem recepcionadas, logo, nos apresentamos e relatamos sobre a nossa pesquisa, e seguindo as informações necessárias, chegamos às perguntas norteadoras; foi um diálogo bem tranquilo e construtivo, que durou em torno de 15 minutos, vale ressaltar, que tinha um funcionário presente na secretaria, além de nós duas.

No dia 12 de abril de 2024, foi combinado para a segunda entrevista com a professora Ruth do 1º ano, mas não foi realizada devido a um imprevisto. Então, só conseguimos realizar no dia 15, pelo horário das 09h50 da manhã, e foi também em um dia de planejamento, fomos para um espaço aberto da escola, onde seria mais tranquilo e através da conversa com a professora que durou 13 minutos, conseguimos coletar informações necessárias para a nossa pesquisa.

Ao terminarmos a segunda entrevista, partimos para a outra escola, já que, no mesmo dia também estava marcada a terceira e última entrevista com a professora Roseana responsável pela turma multisseriada. Ao procurarmos, ela nos comunicou um pequeno imprevisto, pois nesse dia seria o seu planejamento e não ocorreu, mas a partir de uma conversa conseguimos combinar para o dia seguinte no horário do intervalo. Sendo assim, no dia 16 de abril, às 09h35, na mesma sala de aula em que ela atua, demos início ao diálogo, seguindo com as perguntas norteadoras, no qual, ela nos respondeu de forma tranquila, apesar do barulho externo por ser em um horário de intervalo, e as crianças entrando e saindo da sala, a entrevista durou em torno de 12 minutos. Desse modo, conseguimos concluí-las de modo satisfatório.

Em relação ao encontro com as docentes foi um momento propício, pois nos permitiu ouvir e analisar através das falas delas, como se dá o papel do educador na formação integral das crianças dentro desses ambientes educativos.

Portanto, no próximo capítulo vamos trazer reflexões das práticas dessas profissionais com o ensino da literatura dentro das suas realidades.

4 ANÁLISES REFLEXIVAS A PARTIR DO OLHAR DOCENTE

No dia da festa, aflita por não saber como iria, Cinderela sentiu uma brisa mágica, e um sussurro disse-lhe que tudo daria certo. Era só acreditar!

(Cinderela)

A infância abrange a imaginação, a brincadeira, o divertimento, é nesta fase que as crianças vão se envolvendo com as experiências. Na fantasia, é vivenciado o faz de conta, em que o próprio sujeito se imagina e cria cenas com as histórias literárias. O conto de fadas “Cinderela”, por exemplo, é um dos clássicos de Charles Perrault, que vem passando há séculos e continua trazendo uma extrema significância, levando as crianças a viajarem para o reino encantado. O Era uma vez... desfoca o tempo e o espaço, mas denota que em algum momento os fatos aconteceram no decorrer da história, surgindo, assim, conflitos, empecilhos e reviravoltas.

Percebemos que existe uma relação de desigualdade entre a protagonista e os demais personagens. Cinderela desde muito pequena passou por diversas situações, perdeu seu pai muito cedo, e logo ficou aos cuidados da sua madrasta, que mostrou sua outra versão, através de suas atitudes, colocando-a para realizar os afazeres domésticos. Com isso, ela passou a ser chamada de gata borralheira pelas suas irmãs postiças, e a ser tratada como uma empregada.

O enredo muda quando de repente através de uma magia a sua fada madrinha aparece, e como num passe de mágica constrói uma carruagem para levá-la ao baile que estava acontecendo no castelo; além disso, faz seu lindo vestido, onde todos do reino ficam encantados ao vê-la, e o príncipe logo, vai ao seu encontro.

Apesar dos aspectos negativos que acontecem na história, Cinderela consegue superar os conflitos e tem um final feliz, o que mostra também que as pessoas com sua generosidade, humildade e esperança, apesar dos momentos difíceis, não deixam de acreditar que um dia tudo ficará bem.

Segundo Colomer (2007, p. 132), “a literatura funciona como uma agência de socialização cultural e é essencial saber que mensagens estão sendo dirigidas às novas gerações”. Já Saldanha (2018) reflete que, mediante o texto literário, o sujeito em sua imaginação percorre lugares, adentra e cria outros cenários, se colocando no lugar dos personagens, pois a literatura corresponde às nossas vivências.

Podemos afirmar que a literatura é extremamente necessária e crucial para a formação humana, dada a sua abrangência e completude. Ela nos faz entender o

mundo, seus encantos e contradições. Por essa razão, urge a necessidade de ser inserida na escola, na universidade e na formação docente. (Saldanha, 2018, p. 76).

A literatura na escola é um dos recursos elementares que cooperam no desenvolvimento integral das crianças, por isso deve ser inserida dentro da sala de aula, mediante as práticas pedagógicas dos(as) docentes. Portanto, precisa ser composta de forma relevante em que integre o(a) aluno(a) em seu contexto real, além da aventura que se vive através das experiências de cada leitura lida, contada ou compartilhada, alimentando os sentimentos mais bonitos na fase da infância.

4.1 Literatura e Prática Pedagógica

Neste item iremos abordar os resultados da pesquisa de campo, que foi constituída por meio de entrevistas, a qual, realizamos com três docentes das turmas do 1º e 2º ano, que ministram aulas para alunos e alunas do ciclo de alfabetização. Iremos apresentar os dados, analisar e refletir a partir das falas dessas professoras¹.

Desta forma, nomeamos a primeira professora com o nome de Ruth em referência a poetisa Ruth Rocha, a segunda professora iremos chamar de Cecília referente a escritora de literatura infantojuvenil Cecília Meireles e por fim, a terceira como Roseana em homenagem a poetisa e escritora Roseana Murray.

Em conversa com as professoras entrevistadas em relação à literatura infantil, a professora Roseana fala que, *“é um gênero literário destinado para o público infantil”*, de modo, que o seu público-alvo são as crianças e jovens, e com a literatura se estabelece um convite para a imaginação, a descoberta e o lúdico. A professora Ruth comenta que *“A literatura infantil é importantíssima, pois permite que a criança desperte as suas criatividade, e ajuda no processo de alfabetização, porque ali a criança está aberta para transcrever o que está em sua mente, no mundo da fantasia e da imaginação”*.

A criança mesmo em pouca idade já possui a capacidade de manifestar a sua criatividade, por meio das suas práticas e isso acontece de forma espontânea. Quando a professora diz que, a criança está aberta para transcrever, quer dizer que ela tem a facilidade em experienciar coisas novas, de buscar além do que se está presente, através do faz de conta; e isso advém justamente do ato de criar, imaginar ou inventar algo novo. Cosson (2014b), afirma, que é na literatura que podemos percorrer outras possibilidades e caminhos para a

¹ Ao longo das análises destacaremos as falas das professoras entre aspas e em itálico. Quando se tratar de falas com menos de 3 linhas, as mesmas aparecerão no corpo do texto; e com mais de 3 linhas, como citações recuadas e em itálico.

nossa própria construção de identidade, já que, ela em sua amplitude tem seu papel dentro desse ambiente.

Ademais, a professora Cecília diz que,

No momento que levo a literatura para a sala de aula, eu estou levando cada criança a desenvolver o gosto pela leitura e a escrita através desse contato, se a criança nunca ouviu um texto, ela nunca vai desenvolver aquele gosto pela leitura e é necessário a gente ter esses hábitos. (Cecília, 2024).

O escritor Rubem Alves (2004), vai elucidar que, deve-se ler pelo prazer que nos traz da própria leitura, e o estímulo para isso se dá ao escutar alguém lendo. Ou seja, se o(a) professor(a) em aula lê para os seus alunos e alunas, e mantém uma constância para isso, simultaneamente, vai criando estímulos para a leitura. *“Todos os dias na minha sala de aula, eu começo com a nossa rotina e em seguida, leio um texto para eles”*. (Cecília, 2024). Assim, vemos que deve fazer parte do cotidiano escolar.

Segundo Cademartori (2010, p. 63):

o livro e a leitura, apresentados à criança nos seus primeiros anos, podem apresentar a ela uma sedutora razão para o esforço empreendido no processo de alfabetização. O papel da literatura nos primeiros anos é fundamental para que se estabeleça uma relação ativa entre falante e língua, o que não ocorre sem envolvimento de afeto e emoções.

Quando o livro e a leitura são apresentados desde o início se torna possível a construção de uma relação afetiva, e esta relação se estabelece pelo vínculo que é criado entre o sujeito e o objeto. Em outros termos, o vínculo entre o aluno e o livro, que deve acontecer com o uso de diferentes estratégias os conduzindo nesses contextos destinados à leitura de histórias e livros literários.

Refletir sobre essas estratégias na hora da leitura como uma forma também de prender a atenção dos pequenos é um ponto fundamental para que seja uma atividade plena durante as aulas, já que pode influenciar nesse envolvimento e logo, considerado assim, um trabalho mais significativo e dinâmico.

A professora Roseana relata que a sua estratégia se inicia a partir das escolhas dos livros e textos, levando em consideração o que ela supõe que vai interessar o seu público e, como resultado, uma maior atenção e interação ao que está sendo apresentado. As ilustrações também são muito importantes, com seus desenhos, cores e formatos, pois, as crianças gostam de imagens, de desenhos, de tudo aquilo que envolve o sentido da visão e, geralmente, elas acompanham a história para transmitir algo relacionado ao que está escrito, seja para complementar, seja em uma mensagem que se quer transmitir.

De acordo com Faria (2004, p. 41), “o texto escrito e a ilustração apresentam contribuições específicas para a leitura integral da história, e, portanto, têm funções diferentes no conjunto do texto/imagem”. As ilustrações são classificadas como uma linguagem mista, que são compostas pela linguagem verbal e não-verbal. A professora Cecília fala sobre as crianças terem acesso aos livros, que “há aqueles que não codificam as letras e as palavras, mas fazem uma leitura visual e com essa visão você já pode levar para a sala e estar trabalhando”. Mesmo que algumas crianças não saibam ler ainda, vão acontecendo esses contatos, mediante as leituras visuais, que possibilitam também o desenvolvimento de outras habilidades, como a percepção, interpretação e atenção.

E a professora Ruth destaca que uma das suas estratégias para a hora da leitura é a entonação da voz dos personagens:

Geralmente, eu faço as vozes dos personagens, a entonação da voz que é muito importante, procuro não ler só lendo normal, porque eles não têm curiosidade, a gente tem que ler fazendo as entonações, como se fosse contando mesmo a história, ao mesmo tempo que você está lendo, senão não prende a atenção deles. E procuro também trazer tipo algo relacionado ao livro, alguma imagem, áudio ou palitoches representando os personagens. Esses dias mesmo eu fiz sobre a história do papel, não lembro agora o tema, mas a gente trouxe caixa de som, eu coloquei só o áudio da história e fui interpretando a história, assim percebi que eles ficaram bem atentos, porque se for só o livro em si, não usar uma estratégia não chama a atenção deles, então, às vezes eu trago o áudio quando encontro no youtube, e quando não tem é o livro mesmo, mas eu procuro fazer mais contando do que só lendo, e depois eu peço para cada um olhar o livro. (Ruth, 2024).

A professora afirma que só a leitura do livro, sem alguns elementos, não chama a atenção. Desse modo, quando ela faz a leitura usa a prosódia. Sabemos que a fala, a entonação, os elementos sonoros do texto quando bem trabalhados tem o poder de despertar o interesse das crianças pela leitura. Mas para isso, precisa ser feito um planejamento para que o momento flua e a aprendizagem aconteça.

Então, a prosódia é vista como um elemento linguístico, ligada à oralidade, no qual a entonação da voz faz parte; e é esta uma forma de emitir o som vocal, na adequação que vai de acordo com a necessidade de cada momento, ou seja, a pessoa que vai ler/contar a história vai adaptar o ritmo e o som da sua voz para caracterizar cada personagem que compõe a mesma. Por isso, se faz relevante por parte do(a) professor(a) conhecer antecipadamente a história ou o livro que vai ser apresentado às crianças, e a partir deste, refletir e organizar dentro do seu plano de aula.

Outro ponto a se destacar, é essa diferenciação entre contar e ler uma história. Percebemos na fala da professora acima, quando ela comenta que lê como se fosse contando,

acontece através de alguns elementos, imagens, algo que represente o que está sendo trazido, pois, a hora da leitura não deve ser realizada de qualquer maneira. Também é interessante que ela seja feita de forma instigante, dando vida aos personagens através das expressões faciais, dos gestos e da voz do(a) professor(a), que a partir disso, vai colaborar para o envolvimento e o prazer dos seus ouvintes. Cosson (2014a, p. 104), enfatiza que,

ler para o outro nunca é apenas oralizar um texto. Ledor e ouvinte dividem mais que a reprodução sonora do escrito, eles compartilham um interesse pelo mesmo texto, uma interpretação construída e conduzida pela voz, além de outras influências recíprocas que, mesmo não percorrendo os caminhos sugeridos pela ficção, são relações importantes de interação social.

Ele ainda afirma que a leitura em voz alta deve ser trabalhada, essencialmente, pelos professores e professoras dos anos iniciais, e que por meio dessas práticas vai favorecer a uma transposição entre o mundo da oralidade e da escrita dos(as) alunos(as) que são ouvintes, onde o(a) docente reúne as crianças durante as aulas para o compartilhamento dessas histórias.

A contação de histórias envolve a leitura e a memória, é uma das práticas mais utilizadas nesses últimos tempos, principalmente, nos primeiros anos da fase infantil, porém, ainda é voltado para a finalidade de acalmar e entreter as crianças (Amarilha, 1997), se caracterizando como uma escolarização inadequada (Soares, 2011). Portanto, ao trazê-la para o exercício da literatura requer momentos articulados e organizados.

Vale ressaltar que, antes do(a) professor(a) dar início a contação é interessante que ele(a) faça uma abertura com uma música, um instrumento, ou mesmo com indagações sobre a obra para ativar a curiosidade do(a) leitor(a). Como uma das professoras relata:

faço um círculo no chão, sento com eles, converso antes, preparo o ambiente, quando estão todos atentos prestando atenção, vou mostrando a ilustração do livro, dou uma leve explicada sobre o que vou ler e em seguida, leio a história, e quando a história é interessante, as crianças já ficam atentas e ficam perguntando, se fazendo questionamentos, isso é o que mostra que eles estão prestando atenção e entendendo, criando expectativas. (Roseana, 2024).

Cosson (2014a, p. 114), comenta em relação a diferença entre as práticas da leitura em voz alta e a contação de história, e diz que, “se a primeira dispensa a encenação ou tem apenas como um complemento, contar a história de cor demanda que o leitor se entregue ao texto, apagando a distância entre ele e o autor, que é própria do processo de memorização [...]”. Isto significa que a leitura segue um padrão e o leitor é fiel ao que está sendo trazido no texto, já a contação vai ter uma aproximação maior do leitor, que anteriormente faz uma memorização, mas não se limita ao que está exposto.

As estratégias de leitura são maneiras que auxiliam a interação entre leitor/ouvinte com os textos ou livros que vão sendo trabalhados.

Cosson (2014a, p. 117 e 118), evidencia algumas dessas estratégias, ao citar a proposta de Cyntia Girotto e Renata Souza (2010), que são classificadas em:

- Ativação do conhecimento prévio;
- Conexão;
- Inferência;
- Visualização;
- Sumarização;
- Síntese.

A ativação dos conhecimentos prévios vai anteceder a leitura que vai ser feita, pois o professor irá estimular as crianças a um diálogo, impulsionar a relação do texto com a realidade das crianças, e assim, tecer conexões, aqui pode inserir questionamentos que vão fazê-las refletirem, instigando a sua imaginação e curiosidades. Já, a conexão desencadeada possibilitará fazer relações do seu mundo com o texto, ou de algum texto visto com o que está sendo exposto. A terceira estratégia, a inferência constitui em indícios extraídos dos textos para uma interpretação daquilo que está sendo lido. A visualização consiste na criação de imagens mentais relativas ao que o texto vem transmitindo. Na quinta estratégia, sumarização, teremos a organização dos elementos mais relevantes, estes que são cruciais para uma melhor compreensão do texto. E por fim, a síntese que vai além, no olhar do sujeito com o seu ponto de vista, pode fazer uso da paráfrase e reconto, para uma melhor interpretação. Estas estratégias são algumas possibilidades para a formação de um leitor(a) competente e que demanda de práticas pedagógicas do(a) professor(a).

Logo, pode ser incluído algum recurso para complementar a leitura, como foi dito pela docente em sua fala, ao levar os palitoques, figuras, peças de teatros, fantasia, entre outros. O recurso vai favorecer ainda mais a compreensão da criança com a história lida ou contada, pois tudo o que envolve a ludicidade é fascínio para os pequenos, um instrumento potente nesse processo de ensino e aprendizagem.

A professora Cecília trabalha com a produção textual, para incentivá-los a recontar a leitura. E ela ainda comenta sobre a roda de leitura ou também considerada uma roda de conversa:

eu gosto de fazer a roda de leitura com a turma, onde eu peço para todos prestarem atenção; eu leio pra eles, depois releio, porque às vezes ficam em dúvida, e logo começo com uma conversa pra eles dizerem o que compreenderam. Além disso, eu

começo e quero que eles terminem, depois de tudo isso feito, eles voltam para as carteiras e vão realizar uma atividade, aqueles que já sabem escrever eu começo contando o texto e eles vão terminar; assim, podem até criar outra história ou mudar a mesma, e assim, ver a compreensão deles. Já, aqueles que não sabem escrever ainda, naquela fase que estão silabando, eles desenham, mas quero que mostrem mesmo através dos desenhos como foi a história. Então, é uma forma que trabalho com a turma todos os dias e consigo interagir mais e trazer a atenção deles. (Cecilia, 2024).

Conforme Silva (2022), a roda de leitura é tida como um procedimento didático para uma leitura compartilhada e, além, das experiências que são vivenciadas com a obra, criando interações entre os estudantes e professores. Essa é uma das estratégias que ela organiza de modo que todas as crianças participem, apesar da turma ser numerosa em uma sala que é considerada pequena, pois ela destaca que na sua sala de aula tem o total de 30 crianças, a professora consegue criar um espaço que, inclusive, deixa de lado aquele padrão de cadeiras enfileiradas, em que elas podem se sentir mais à vontade, facilitando a interação com os demais; assim, todos sentam-se no chão em um formato de círculo, remetendo a uma forma de acolhimento entre eles.

Aqui é imprescindível se reinventar em todas as formas, pois, “ao professor cabe criar as condições para que o encontro do aluno com a literatura seja uma busca plena de sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade em que todos estão inseridos” (Cosson, 2014b, p. 29). Logo, o autor reitera que, o maior segredo que compete à literatura é a aventura única que se descobre por meio do universo composto pelas palavras. Então, o docente como mediador da sala deve ter objetivos em suas práticas, o olhar cuidadoso com o trabalho, além de reflexões voltando-se para o seu próprio contexto.

Dando continuidade, partimos para um diálogo sobre o cantinho reservado para o trabalho com a leitura na sala de aula. As professoras relataram os momentos, dias específicos e frequência com a qual trabalham com a leitura de literatura.

As três professoras enfatizam o mesmo trabalho com o “Cantinho da Leitura” dentro da sala de aula, este que faz parte do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) Interativo, que é um programa do Governo Federal. Esse programa propôs a instalação de lugares apropriados no próprio âmbito escolar, na organização de pequenos espaços dentro das salas, propiciando um contato mais direto das crianças com os livros, ao impulsionar as práticas de leitura que devem ser adequadas de acordo com a faixa etária e o contexto sociocultural dos alunos. Ressaltamos que o programa que designou financiamento para a produção do cantinho da leitura, é destinado para o público das escolas públicas, com matrículas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais. Também realizamos uma conversa com a coordenadora

sobre este cantinho, e ela acrescenta que o mesmo compõe um espaço próprio dentro de cada sala e o seu propósito é instigar o interesse dos alunos e alunas pela leitura.

Em relação ao uso desse espaço, a frequência e os dias específicos em que acontecem, percebemos que as professoras seguem cronogramas semelhantes e geralmente, ocorrem nas aulas de língua portuguesa; isso é enfatizado na fala da professora Cecília: “*Na segunda e terça eu trabalho as disciplinas de português e matemática, primeiro horário português e segundo matemática, porque dou mais ênfase a essas duas disciplinas, principalmente, a leitura e a escrita*”.

A professora Roseana comenta que ainda não foi feito o cantinho para a sua turma esse ano, mas é algo que está em seus planos e enquanto isso não é feito, ela separa um momento da aula para ler com as crianças. Evidenciar a importância desse espaço, como ele é organizado e como é trabalhado de modo significativo, a fim de construir o repertório de leitura. Percebemos que a professora Ruth realiza em um dia e um momento específico, de forma estruturada, pois devem cumprir com os demais conteúdos também.

Dando continuidade ao nosso diálogo, as professoras destacam como é feita a escolha dos livros e textos literários que são trabalhados em sala. A professora Cecília enfatiza que esse momento se dá na realização de reuniões com a coordenadora, onde elas vão analisar e planejar, fazendo a associação com as fases de escrita das crianças, que são quatro níveis: a pré-silábica, a silábica, a silábica-alfabética e a alfabética, visto que, são analisadas também as possibilidades de leitura e escrita das crianças com o uso desses materiais. O que demonstra a realização de uma prática coletiva na escola.

A professora Ruth procura por temas que são mais chamativos para o seu público:

eu procuro ver muito a questão do tema do livro, se é algo que vai despertar o interesse deles pela leitura e também às vezes, eu procuro trabalhar no contexto que vou dar aula. Por exemplo: se o tema for sobre a páscoa, então já procuro um livro que fale sobre isso, para não ser algo solto, dessa forma, eu vejo dentro do contexto do tema da aula. (Ruth, 2024).

O interesse das crianças surge ao trazer sua atenção na hora da leitura, que segundo Amarilha (1997), possibilita um envolvimento emocional, que acontece através de um jogo ficcional, pois ela chega à criança principalmente por meio da oralidade. A professora Roseana relata que faz essa escolha de acordo com a faixa etária das crianças, bem como, os temas que ela vai abordar; o que é refletido de modo intencional.

Retomando a fala de Ruth e Roseana, destacamos o trabalho com temas específicos, em que a partir desse tema, elas procuram livros que são relacionados aos conteúdos,

mostrando a falta de diferenciação existente entre o livro paradidático e o livro de literatura; já que, o primeiro aborda diversas temáticas, enquanto que o último é vasto e engloba aspectos diferenciados, relacionados à linguagem, interpretação, ilustrações, experiências de vida, dentre outros elementos que o caracterizam como uma obra literária. Portanto, o planejamento precisa ser relevante, no qual propicie a desenvoltura das crianças nas atividades e promova uma aprendizagem significativa.

Em relação à escola se possui biblioteca ou outro lugar para armazenar os livros de literatura infantil, e a frequência com que são utilizados, as professoras relataram que não existe esse local dentro da escola.

No que concerne a importância das bibliotecas escolares, Silva (2022), vai nos dizer que ela é o coração da escola, é ali que se estabelece uma melhor relação da criança com o livro, através de um encontro maior, pois carrega inúmeros recursos. Porém, nos deparamos com algo distante, devido à ausência destas dentro das escolas brasileiras, sendo uma realidade discrepante que acarreta alguns problemas; os alunos não têm acesso a um lugar privilegiado para a leitura, e há uma distância existente.

A professora Roseana relata que é o seu primeiro ano na escola, mas não presenciou uma biblioteca. Ainda observamos que na segunda escola dentro de uma sala, ao lado da secretaria, há um pequeno espaço distribuído com livros em algumas prateleiras, estes são livros de modo geral. As professoras Ruth e Cecília também comentam que a escola onde trabalham não possui biblioteca, somente encontram-se estantes com alguns livros dentro das próprias salas de aula, *“onde as crianças usam e depois guardam cada um em seu lugar; todos os anos é organizado para que isso aconteça [...]”* (Cecília, 2024). Este se faz um dos meios mais utilizados pelas docentes para inserir a literatura.

Ao que se refere a inclusão das bibliotecas nas escolas, Silva (2022, p. 31), elucida que: *“[...] um dos caminhos mais eficazes é o fortalecimento das bibliotecas escolares por meio de políticas públicas e de iniciativas colaborativas da comunidade, o que se realizará, certamente, por meio de uma defesa coletiva do direito de acesso aos bens culturais”*. É imprescindível que nos organizemos para apresentarmos demandas por políticas públicas que garantam uma biblioteca de qualidade em nossas escolas.

É na biblioteca que se encontram diversas coleções de livros, aquelas que vão desde as histórias dos fatos reais até as fictícias. Amarilha, (1997) afirma que, esse espaço é visto como uma instituição pós-moderna e que contém uma diversidade, na qual quebra padrões existentes, pois através dessas percepções as crianças vão ao encontro de novos olhares, a partir de cada leitura.

Ainda em relação a biblioteca, a mesma foi evidenciada somente em 1930, após a fomentação do (MEC). Segundo Cordeiro (2018), as iniciativas para a criação de alguns programas surgiram após o processo de redemocratização do Brasil que aconteceu no ano de 1980. Só então que a literatura foi discutida pelas políticas públicas com o objetivo de desenvolver esse trabalho.

Portanto, vimos a importância da leitura de literatura nos anos iniciais da formação das crianças e como são inseridas no cotidiano, ressaltando a presença desses momentos de forma significativa.

4.2 Literatura e Alfabetização

As crianças passam por diversas fases ao longo da sua formação, e no ciclo de alfabetização não é diferente. Esse ciclo é fundamental na vida delas, pois é enfatizada a sua aproximação com o mundo letrado, no processo de ensino e aprendizagem.

Ao dialogarmos com as docentes sobre os seus conhecimentos em relação a alfabetização, a professora Cecília define esse ciclo como uma forma de conduzir a criança na aprendizagem da leitura: *“Defino a alfabetização principalmente, como uma forma de conduzir a criança a aprender a ler; é através da alfabetização que nós professores podemos fazer com que os alunos tenham conhecimentos”* (Cecília, 2024).

A professora Ruth estabelece como um processo longo e muito complexo, no qual existem etapas a serem concluídas, ela acrescenta explicando que este é um momento *“onde se desenvolve a aprendizagem no sentido da leitura, escrita, comunicação, ideias e pensamentos”* (Ruth, 2024). Desse modo, não é algo limitado, e sim, amplo que vai além da leitura e escrita, como afirma Mortatti (2004). Ao mesmo tempo em que possibilita nas crianças as suas percepções de mundo.

A professora Roseana elucida que:

A alfabetização é um processo entre a leitura e a escrita, que está na fase de aprendizado. Então, você vai ter que chegar para a criança e ensinar as fases, tem que ensinar que cada letra por exemplo, tem um som. Na minha época, a gente trabalhava o nome das letras, o nome das sílabas, mas hoje em dia, se trabalha o som, então para a criança ter a concepção de aprender, primeiro ela tem que entender que cada letra tem um som e juntando um som de uma letra com um som de outra, vai formar uma sílaba e a partir da junção das duas vai formar a sílaba e logo, formar uma palavra, é o primeiro passo. (Roseana, 2024).

Ao refletirmos o comentário da professora Roseana, ela fala em relação às fases da escrita, que nesse momento se dá pela fase denominada como Escrita com Letras. Segundo Soares (2020) a consciência fonológica precisa ser trabalhada a partir desses momentos, ou seja, nos aspectos entre a escrita e a oralidade, mostrando que essa escrita se remete ao som das letras, palavras e consecutivamente textos, fazendo uma diferenciação entre o significado e o significante.

A professora ainda comenta que a alfabetização é a base principal, e é necessário compreendê-la, pois surgem distintos questionamentos em como alfabetizar uma criança, e que isto não depende somente do professor, mas de uma parceria entre família e escola para que essa formação aconteça. Isso porque a etapa dos anos iniciais é considerada a base de todo o ensino básico, é onde as crianças têm uma relação maior com o letramento.

Muitos desafios são encontrados durante esse caminho, em que advém de alguns fatores, um deles condiz ao contexto familiar, que é primordial nesse momento, visto que, a relação família e escola precisa ser uma relação afetiva, onde se constrói uma parceria com o mesmo objetivo, o desenvolvimento da criança. Porém, muitas vezes não é vista essa realidade o que acarreta em alguns problemas.

Outro ponto a destacar é visto que a turma da professora Roseana é uma turma multisseriada, ela destaca isso no desenrolar da conversa. Ficamos curiosas por saber que é uma turma multisseriada mesmo sendo da zona urbana e para buscarmos mais informações, perguntamos o porquê. Ela comenta que esta é uma turma contemplada por um projeto. Todavia, ela não conseguiu nos dar com precisão informações em relação ao mesmo.

Para mais informações, indagamos a coordenadora da escola, e ela nos informou que tem dois motivos: inicialmente, essas turmas só funcionariam em uma outra escola municipal, na qual realizamos as entrevistas com as duas professoras, porém ficaria um pouco distante do centro da cidade; então, para os que moram nessas proximidades ficaria inviável. O segundo é que, há 3 anos a escola recebeu um projeto, e para que esse projeto acontecesse, a mesma teria que abranger turmas de 1º e 2º ano, pois atenderia diretamente essas turmas por meio de um reforço escolar, focalizando principalmente, o desenvolvimento da escrita, ou seja, na produção de textos. E quando é detectada a dificuldade de leitura, são apresentados pequenos textos, geralmente poemas e prosas narrativas; contos e fábulas. Assim, nos informaram que o mesmo está sendo efetivado.

Na nossa conversa sobre a contribuição da literatura infantil no processo de alfabetização e letramento das crianças, a professora Cecília ressalta:

É uma ferramenta muito eficaz para as crianças no desenvolvimento, vai trabalhar a fluência da leitura, colocar para eles lerem, enquanto eles vão tendo esse contato com os livros. Eu estou trabalhando a leitura e a escrita, porque quem lê bem, escreve bem, então, tendo essa fluência de leitura, eles desenvolvem bastante a escrita também. (Cecília, 2024).

Relativo ao trabalho durante esse período é enfatizado a importância que os livros trazem; além de apresentá-los, é necessário que elas mantenham o contato frequentemente. A docente ainda cita que esses momentos resultam em trazer para a sala de aula, dentro da sua rotina livros e histórias que compõem a variedade da literatura infantil, como: *“os gibis, poemas, contos de fadas, entre vários gêneros, em que vão se adaptando e criando aquele gosto pela leitura”*. (Cecília, 2024).

Como afirma Pinheiro (2024, p. 18):

a leitura do poema não é uma mera atividade, constitui-se como um desafio nascido de uma inquietação. Ou seja, os poemas me proporcionam percepções, sensações, dúvidas, inquietações, encantamentos os mais diversos. Eles passam a fazer parte de mim, de meu modo de sentir e pensar a vida. Eles me ajudam a me descobrir, a me conhecer um pouco mais. Eles alimentam minha sensibilidade, me desafiam.

Pinheiro (2024), faz-nos pensar sobre a presença do poema no nosso cotidiano, pois tecendo essas reflexões, nos alerta sobre o prazer da leitura, que se resulta pelo lúdico que essa linguagem transmite. Essas oportunidades se dão na infância, marcadas pelas brincadeiras e pelos jogos (Amarilha, 1997).

No diálogo com a professora Ruth, ela também salienta diversas contribuições que a literatura traz, ao dizer que,

Esta contribui de forma positiva, uma vez que a criança desperta a vontade pela literatura, ali vai auxiliar ela na vontade de aprender a ler e escrever; e quando ela tem esse contato logo cedo, faz dela gostar de ser um leitor. A literatura colabora para a pessoa própria mesmo, para o nosso próprio uso, porque assim, se de pequena a criança já tem esse contato e ela desperta essa vontade de ler, ela futuramente vai ser um bom leitor, e vai gostar de conhecer e ler outros livros que não sejam também da literatura; que é uma dificuldade grandíssima que a gente enfrenta hoje, é o despertar da criança pela vontade de ler, então a criança tem que ter um contato com a literatura, hoje eu acredito que se for fazer uma pesquisa, a maioria dos adultos não gostam de ler e não tem o hábito. (Ruth, 2024).

Atualmente, um dos problemas que enxergamos é o desinteresse pela leitura, que dessa forma também geram dificuldades, pois quando o(a) aluno(a) não tem essa prática constantemente, perde o gosto e a vontade pelo literário, e muitas vezes acaba lendo meramente por obrigação. Colomer (2007), observa um fracasso no estímulo à leitura, que ocorre pela mudança no decorrer da formação dessas crianças. É comum ouvi-las dizer que

não gostam de ler. Por isso, cabe ao docente pensar em práticas com intencionalidades, em conjunto com os projetos disponibilizados dentro do ambiente escolar.

E com a inclusão da literatura como destaca a professora Roseana, vai despertar nas crianças diferentes sentimentos e visões de mundo. E, ainda que algumas crianças não saibam ler, elas fazem a leitura a partir da sua imaginação. Ruth complementa que:

Se a gente apresentar desde pequenos, mesmo que eles não saibam ler, mas quando pegam o livro, eles leem o livro todinho usando a imaginação deles. Como a literatura infantil sempre vem com imagens, então você pode dar para a criança e não pensa: “ah, eu não vou trabalhar na minha sala com a literatura, porque eles não vão saber”. Mas vão, eles vão ler a leitura com a imaginação deles; pode mostrar que eles fazem a leitura de um livro todinho mesmo que não seja aquilo que está dizendo a história, pois eles criam a história deles e vem da imaginação, tanto eles escrevem como desenham, e isso contribui para a alfabetização, vai despertando neles essa vontade. (Ruth, 2024).

São nessas atividades que as crianças vão criando essas possibilidades, aguçando a imaginação e despertando nelas as mais distintas curiosidades que influenciam diretamente na inserção do mundo letrado.

Nesse contexto, Silva (2015, p. 26), afirma que:

o educador tem a possibilidade de aguçar nos alunos a vontade de querer aprender a ler e escrever, revelando-lhes a importância desses recursos para um melhor entendimento dos meios social, cultural e político. E é justamente pelo que a leitura literária pode oferecer de possibilidade de sentidos que se deve delimitar o que é possível ou não fazer nas práticas pedagógicas, para que não se escolarize tanto a literatura a ponto de se invisibilizar as possibilidades de articulações próprias da linguagem oferecidas através do texto literário.

É, portanto, nesse entendimento que os professores e as professoras têm autonomia para desenvolver um trabalho literário significativo com as crianças.

Ao dialogarmos com as docentes indagamos sobre o modo que elas incentivam e promovem a leitura de literatura com os(as) estudantes durante esse processo de alfabetização, percebemos que todas enfatizam a presença dos livros e os aspectos das temáticas implícitas trazidas por estes, mostrando ser esse um suporte cativante para essa prática. Mesmo diante da ausência de bibliotecas, elas tentam buscar meios para o envolvimento do literário, “*com momentos proporcionados com a roda de conversa e o cantinho da leitura, que é um dos favoritos da criança*”. (Cecília, 2024).

E a Professora Ruth comenta,

Eu sempre faço com que na sala de aula tenha livros. Eu conto histórias, depois daquela história, eu peço que eles façam o que entenderam dela através de desenhos, aqueles que já sabem ler, eu já vou começando a fazer interpretações dos livros que foram lidos, e sempre mostrar pra eles a importância de se ler e de estar

com aquele livro. Tem que ter livro na sala, inclusive, essa semana como vai ser o dia do livro infantil, eu vou junto com eles montar um livro, de modo geral, um livro só com a turma toda e já vou ensinar pra eles também as partes do livro, porque às vezes a gente não sabe: O que é o livro? Quais são as partes que tem no livro? Começando da capa, do autor, então, essa parte do “dia do livro” já não é só um dia que a gente trabalha, já vem começando da literatura infantil e apresentando para eles todos os dias, até eles chegarem no livro didático que já é bem diferente. (Ruth, 2024).

Aqui podemos recordar das estratégias de leitura trazidas por Cosson (2014a), mencionadas no nosso subitem anterior, quando ele fala em relação às perguntas referentes ao livro apresentado, e quando a história é interessante, as próprias crianças fazem essas indagações e criam expectativas.

Também é interessante citar o trabalho que ela planejou realizar com a turma, de construir o próprio livro deles, assim por meio das suas percepções eles já passam a compreender como se constitui o livro como um todo, as partes que o compõem, o que vem no início, meio e fim, tal como, uma forma de instigar eles a conhecerem outros livros, e ainda a escreverem suas próprias histórias, por exemplo.

Ao prosseguirmos o nosso diálogo, questionamos se a escola dispõe de algum programa ou projeto que envolve o trabalho com a leitura de literatura, e se a resposta fosse sim, como elas vêm esse trabalho. A professora Ruth respondeu: *“Esse ano ainda não teve, mas ano passado aqui teve o projeto da estante mágica, onde as crianças criaram os seus próprios livros, teve até o dia de autógrafo!”*.

A estante mágica também é um recurso relevante, em que são disponibilizados materiais de apoio para que esse projeto venha a acontecer. Quando ela diz que a criança criou o seu livro, é destacado o trabalho autônomo no desenvolvimento das produções das crianças, as colocando como sujeitos construtores, em que cada história produzida é composta com as suas singularidades, assim como a boniteza do trabalho exposto pelo olhar de cada criança.

E como mencionado anteriormente pelas professoras, o Cantinho da Leitura, projeto do Governo Federal, que se faz positivamente marcante dentro desses contextos como foi discutido no subitem anterior. Em conversa com a coordenadora da primeira escola, durante o diálogo, diz que de acordo com o Decreto nº 11.556, de 12 de junho de 2023, foi implementado o Compromisso Nacional da Criança Alfabetizada, este é um programa que tem como objetivo a garantia do direito à alfabetização das crianças até o final do 2º ano. Vale ressaltar a mudança que ocorreu nesse processo, que antes englobava os 3 primeiros anos do ensino fundamental, e, atualmente, envolve os 2 primeiros anos. Portanto, são desenvolvidas metas juntamente com os projetos incluídos na escola.

Conforme o Artigo 29 do referido Decreto (2023, s/p):

[...] II - disponibilização de recursos pedagógicos, equipamentos, materiais e outros insumos utilizados pelas redes de ensino para a implementação dos programas de alfabetização; e
III - instalação de espaços de incentivo a práticas de leitura apropriados à faixa etária, ao contexto sociocultural, ao gênero e ao pertencimento étnico-racial dos estudantes.

E Ruth comenta que a coordenação está em busca de mais materiais pedagógicos para as atividades com esse cantinho de leitura, que traz:

Um cantinho com almofadas, tapete, algo bem organizado, as almofadas já são voltadas para a alfabetização; vem com as letrinhas. Não vejo a hora de chegar, porque eles ficam bem à vontade, eles até deitam pra ler, pois tem que ser prazeroso, não adianta ser uma leitura obrigatória igual a gente que ler porque é obrigado as apostilas que vem da faculdade. Enfim, com esse cantinho vai aproximando as crianças e o interesse. (Ruth, 2024).

Quando perguntamos à professora Cecília, ela comenta sobre um projeto que é voltado ao processo de alfabetização, que ressalta a importância da leitura e escrita.

A escola está com um projeto que é nível nacional, acredito que o nome é Aprender Mais, que agora tivemos que fazer uma avaliação com as turmas do 1º ao 5º ano, e a gente está fazendo esse projeto, onde leva com que essas crianças aprendam cada dia mais, porque você sabe que hoje, o que eles estão cobrando que a criança até o 2º ano estejam lendo, isso faz com que a gente tenha que buscar cada dia se aperfeiçoar e trazer para a realidade. E não está sendo fácil, porque nós temos turmas muito numerosas. (Cecilia, 2024).

É vista uma realidade complexa, mas que as professoras em suas condições tentam desenvolver um ensino significativo. No momento em que fomos realizar o questionário com a coordenadora da segunda escola, na oportunidade conversamos sobre esses programas que a escola se encontra incluída. Ela relata sobre o PNLD (Plano Nacional do Livro Didático), um programa que dispõe de obras didáticas, pedagógicas, literárias, entre outros materiais que venham suprir a prática educativa de forma gratuita, regular e sistemática às instituições públicas de educação básica.

Ela ainda fala sobre o projeto que foi criado em parceria com a Universidade Federal do Semi-Árido (UFERSA), no ano passado, no qual foram doados diversos livros, entre eles, as obras literárias. Todavia, neste ano ainda não sabem se o projeto terá prosseguimento.

Assim, como afirma Bettelheim (2015), a literatura infantil colabora positivamente na formação da criança, e que a função do professor não é apenas ensinar a criança a ler, mas os procedimentos utilizados devem ser voltados aos aspectos amplos do processo de

alfabetização, influenciando a compreensão dos diferentes textos e as percepções que trazem dentro de cada trama ficcional, dentre outras possibilidades e, possivelmente, o tornará leitor(a) crítico(a).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo buscamos analisar as práticas pedagógicas dos docentes com o uso da leitura de literatura. E ao nos debruçarmos neste trabalho, pensamos no desenvolvimento das crianças em sua formação, em que, vimos a importância que se tem da leitura dentro do contexto familiar, escolar e social, no qual, a mesma vai ocorrendo entre as diferentes práticas. Sendo assim, ao final das análises realizadas, trazemos algumas considerações sobre a temática.

Concluimos que a infância é considerada uma etapa essencial na vida do ser humano, pois é ali que vai acontecendo os seus primeiros contatos com o mundo em que se situa, principalmente, com o mundo letrado dentro do processo de alfabetização e letramento, que por meio dessas vivências vai permitindo à criança aguçar sua curiosidade, imaginação e criatividade, dentre outras habilidades. Todas essas experiências extraídas dentro do ambiente escolar com a literatura são, intrinsecamente, contribuintes para esse e outros espaços de aprendizagem.

Entretanto, quando a literatura é inserida na escola, ela passa por um processo de escolarização e, em alguns casos, acaba por adquirir outros vieses. Assim, podemos notar que é nesse ponto que o(a) docente em sua prática vai refletir em como direcionar o ensino para que este, aconteça de forma significativa. É importante salientar que o trabalho bem desenvolvido com a literatura infantil deve ser refletido juntamente com as estratégias de ensino, e que as mesmas sejam cumpridas.

Uma das professoras cita a importância da entonação da voz como uma forma de estratégia de leitura que ela utiliza, já a outra comenta que faz as escolhas de livros a partir da realidade da turma e a faixa etária, como também, o uso de diferentes gêneros literários que são nomeados na literatura. Por conseguinte, a presença dos livros deve ser frequente, e os mesmos, inseridos constantemente em um modo mais acessível para as crianças.

Em virtude do que foi analisado, o trabalho bem planejado levará aos resultados das práticas pedagógicas, além disso, os(as) professores(as) devem ter como base o conhecimento do quanto o uso do literário nos momentos reservados, principalmente, na contação e na leitura de histórias tornará suas aulas mais dinâmicas e construtivas, favorecendo ainda, na interação e participação dos alunos, bem como nos processos de alfabetização e letramento.

Vale enfatizar que é imprescindível que nas salas de aula tenham um cantinho de leitura de forma organizada e atrativa, além dos projetos e programas que incentivam o envolvimento da literatura, essencialmente, nos Anos Iniciais, pois na BNCC (2017), são

evidenciadas as práticas pedagógicas voltadas para o ciclo de alfabetização. Desse modo, trazer esses momentos irá colaborar para esse ensino.

Ressaltamos que a partir das falas das professoras é visto ainda a escassez de bibliotecas dentro dessas escolas. Sendo indispensável enfatizar que estas têm um papel fundamental para integrar-se juntamente com esse trabalho pedagógico, visto que, quando apresentamos os livros às crianças desde cedo, permite que adquiram mais conhecimentos.

Esta pesquisa vai além das fronteiras acadêmicas, já que é possível vislumbrar os aspectos trazidos que influenciam diretamente na formação humana, provocando o interesse do sujeito, despertando o gosto pela leitura, não somente pela leitura em si, mas no que concerne a leitura de literatura, esta que provoca diversas percepções, sentimentos e sensações.

Em suma, o trabalho com a leitura de literatura deve ser realizado diariamente, através de estratégias e momentos, estes que proporcionam o desenvolvimento do sujeito positivamente dentro do processo de alfabetização e letramento, não só em sua formação leitora, mas na sua formação integral, visto que colabora, de modo direto, com as realidades vivenciadas pelos(as) educandos(as), que futuramente se tornarão adultos críticos e conscientes. Além disso, esperamos colaborar no aprimoramento do conhecimento literário, ao fazermos um convite em forma de incentivo à leitura, que contribuirá na busca de novos saberes.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **O Desejo de Ensinar e a Arte de Aprender**. Campinas: Fundação EDUCAR DPaschoal, 2004.
- AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas: literatura infantil e prática pedagógica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. MEC/CONSED/UNDIME: Brasília, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 18 de outubro de 2023.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Imprensa, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 18 de outubro de 2023.
- BRASIL. **Decreto nº 11.556, de 12 de junho de 2023**. Governo Federal. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/decreto/D11556.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%2011.556%2C%20DE%2012,o%20Compromisso%20Nacional%20Crian%C3%A7a%20Alfabetizada. Acesso em: 08 de junho de 2024.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB**. 9394/1996. BRASIL. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 18 de outubro de 2023.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.
- Cinderela** [recurso eletrônico] / organizado por Ministério da Educação – MEC; coordenado por Secretaria de Alfabetização. Brasília, DF: MEC/Sealf, 2020. 16 p. Disponível em: https://alfabetizacao.mec.gov.br/images/conta-para-mim/livros/versao_digital/cinderela_versao_digital.pdf. Acesso em: 06 de junho de 2024.
- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.
- CORDEIRO, Maisa Barbosa da Silva. Políticas Públicas de Fomento à Leitura no Brasil: uma análise (1930-2014). **Educação & Realidade**, v. 43, p. 1477-1497, 2018.
- CARROLL, Lewis. **Alice no país das maravilhas**. [recurso eletrônico]; tradução de Rosaura Eichenberg. Porto Alegre, RS: L&PM, 2010.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014a.

_____. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014b.

COSSON, Rildo; SOUZA, Renata Junqueira de. **Letramento Literário: uma proposta para a sala de aula**. UNESP - SP, 2011. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40143/1/01d16t08.pdf>. Acesso em: 10 janeiro de 2024.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras**. [retradução e cotejo de textos Sandra Trabucco Valenzuela]. 17. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. **Rev. bras. Estud. pedagog.** (Online), Brasília, v. 97, n. 247, p. 534-551, set./dez. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S2176-6681/288236353>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 68. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREITAS, Alessandra Cardozo de. Leitura, literatura, inclusão: caminhos possíveis. In: AMARILHA, Marly. **Educação e Leitura: redes de sentidos** - Brasília: Liber livro, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Altas, 2008.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e letramento**. São Paulo: UNESP, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PINHEIRO, Hélder. **Leitura de poemas e algumas reflexões metodológicas**. Campina Grande: EDUFCEG, 2024.

SALDANHA, Diana Maria Leite Lopes. **O ensino de literatura no curso de pedagogia: um lugar necessário entre o institucional, o acadêmico e o formativo**. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação. Natal/RN, 2018.

SILVA, Paulo Ricardo Moura da. **Práticas escolares de letramento literário: sugestões para leitura literária e produção textual**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

SILVA, Sayonara Fernandes da. **O Programa Nacional de Biblioteca da Escola - PNBE: da gestão ao leitor na educação infantil de Natal - RN**, 2015. 284f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2015.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (organizadoras). **Escolarização da leitura literária**. 2ª ed., 3ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SOARES, Magda. **Alfabetrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

YUNES, Eliana. A provocação que a literatura faz no leitor. In: AMARILHA, Marly. **Educação e Leitura: redes de sentidos**. Brasília: Liber livro, 2010.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro de. **Literatura e pedagogia: ponto & contraponto**. 2. ed. São Paulo: Global; Campinas, SP: ALB-Associação de leitura do Brasil, 2008.

APÊNDICES

Apêndice A: Termos de Compromisso



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

TERMO DE CIÊNCIA E AUTORIZAÇÃO

Eu, _____,
portador (a) do RG _____, ciente de que a entrevista por mim
respondida será utilizada para fins da pesquisa de Graduação em Pedagogia intitulada (título
provisório) PRÁTICA PEDAGÓGICA E LEITURA DE LITERATURA: CONTRIBUIÇÕES
NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DAS CRIANÇAS,
desenvolvida na Universidade Estadual da Paraíba, pela aluna Lucicleia Alves do Carmo, sob
a orientação da Professora Ma. Francineide Batista de Sousa Pedrosa, a qual enseja o trabalho
de elaboração do TCC e quaisquer outras atividades acadêmicas correlatas à pesquisa
(publicação de artigos, eventos, pôsteres, dentre outras atividades acadêmicas); e de que as
informações por mim cedidas serão tratadas assegurando o meu anonimato e o da instituição
em que atuo (em hipótese alguma os dados pessoais: nome, telefone, idade, e-mail, fornecidos
no preenchimento da Entrevista aparecerão no corpo do trabalho ou nos anexos); autorizo a
utilização dos referidos dados, desde que garantidos os fins e as condições acima citadas.

ASSINATURA

Serra de São Bento/RN, _____.



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

TERMO DE CIÊNCIA E AUTORIZAÇÃO

As informações por mim cedidas serão tratadas assegurando o meu anonimato e o da instituição em que atuo (em hipótese alguma os dados pessoais: **nome e endereço**, fornecidos no preenchimento do Questionário aparecerão no corpo do trabalho ou nos anexos); autorizo a utilização dos referidos dados, desde que garantidos os fins e as condições acima citadas.

ASSINATURA

QUESTIONÁRIO DESTINADO À COORDENAÇÃO/DIREÇÃO ESCOLAR

1. Nome da escola: _____
2. Endereço: _____
3. N° de alunos matriculados no 1° e 2° ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental no ano de 2024: _____
4. N° de:
 - ✓ Funcionários: _____
 - ✓ Diretores: _____
 - ✓ Coordenadores: _____
 - ✓ Professores: _____
 - ✓ Auxiliar de serviços gerais: _____
 - ✓ Vigilantes: _____
 - ✓ Outros: _____
5. A escola dispõe de algum programa ou projeto que envolve o trabalho com a leitura de literatura? Se sim, como você vê esse trabalho?
() Sim () Não



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA A PESQUISA

Serra de São Bento/RN, _____ 2024.

Sr^(a). Diretor (a) da Escola

Serra de São Bento/RN

Eu, Lucicleia Alves do Carmo, aluna de Graduação em Pedagogia, pela Universidade Estadual da Paraíba/UEPB/Campus III, matrícula _____, venho solicitar autorização para pesquisar nesta escola, sobre “(Prática Pedagógica e Ensino de Literatura)”, com vistas à realização do TCC para obter título de Licenciada em Pedagogia, sob a orientação da Professora Ma. Francineide Batista de Sousa Pedrosa.

Atenciosamente,

Assinatura da pesquisadora

Despacho Autorizado

Não autorizado

Assinatura e carimbo do Diretor(a)

Serra de São Bento/RN, _____ de _____ de 2024.



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

Declaração da Pesquisadora Responsável

Como pesquisadora responsável pelo estudo PRÁTICA PEDAGÓGICA E LEITURA DE LITERATURA: CONTRIBUIÇÕES NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DAS CRIANÇAS (título provisório), declaro que assumo a inteira responsabilidade de cumprir fielmente os procedimentos metodológicos e direitos que foram esclarecidos e assegurados ao participante desse estudo, assim como manter sigilo e confidencialidade sobre a identidade do mesmo.

Serra de São Bento/RN, _____ de _____ de 2024.

Assinatura da pesquisadora

Apêndice B: Grade de Perguntas para a Entrevista



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS
ENTREVISTA COM OS(AS) PROFESSORES(AS)**

Bloco I - Identificação pessoal e profissional dos sujeitos

Nome: _____ Idade: _____ Gênero: _____

Endereço: _____ Telefone: _____

E-mail: _____

Formação: _____ Ano de formação: _____

Instituição formadora: _____

Possui outras formações? Quais? _____

Escola em que atua: _____

Série/Ano em que atua: _____ Número de alunos: _____ Turno: _____

Tempo de atuação em sala de aula: _____

**PRÁTICA PEDAGÓGICA E LEITURA DE LITERATURA: CONTRIBUIÇÕES NO
PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DAS CRIANÇAS**

Bloco II - A importância da literatura infantil e a prática pedagógica

1. Em relação a literatura infantil, como você a define? e a sua importância dentro da sala de aula?
2. Você usa alguma estratégia na hora da leitura para prender a atenção das crianças e conseqüentemente, obter maior participação delas?

3. Há um cantinho reservado para o trabalho com a leitura na sala de aula? Momentos, dias específicos e com qual frequência?
4. Como é feita a escolha dos livros e textos literários trabalhados em sala de aula?
5. A escola possui biblioteca, ou outro lugar para armazenar os livros de literatura infantil? E com qual frequência esse local é utilizado?

Bloco III - A literatura no ciclo de alfabetização

6. Como você define a alfabetização?
7. Qual a contribuição da literatura infantil no processo de alfabetização e letramento das crianças?
8. Como você incentiva e promove a leitura de literatura com as crianças durante o período de alfabetização?
9. A escola dispõe de algum programa ou projeto que envolve o trabalho com a leitura de literatura? Se sim, como você vê esse trabalho?